



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE HISTÓRIA

GEANE CARLES CAPISTRANO DE OLIVEIRA

O OFÍCIO DE BENZER: O RITUAL DE BENZEÇÃO EM
SALGADÁLIA (1990-2014)

Conceição do Coité - BA
2016

GEANE CARLES CAPISTRANO DE OLIVEIRA

**O OFÍCIO DE BENZER: O RITUAL DE BENZEÇÃO EM
SALGADÁLIA (1990-2014)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do título de graduado em Licenciatura em História sob orientação da professora Iris Verena Santos de Oliveira.

Conceição do Coité – BA
2016

TERMO DE APROVAÇÃO

GEANE CARLES CAPISTRANO DE OLIVEIRA

O OFÍCIO DE BENZER: O RITUAL DE BENZEÇÃO EM SALGADÁLIA
(1990-2014)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia – UNEB
para obtenção do título de graduado em Licenciatura em História.

Professora Iris Verena Santos de Oliveira _____

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Orientadora

Conceição do Coité, novembro de 2016

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Rogger;

Razão da minha vida!

AGRADECIMENTOS

No decorrer desta caminhada, tive o prazer de conhecer e conviver com pessoas maravilhosas, que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa. Por isso, não poderia deixar de agradecê-las.

Agradeço primeiramente a Deus pela minha existência e por me dá forças nos momentos de desânimo.

Agradeço especialmente a minha família, meus pais, José Maria e Maria das Neves, responsáveis por tudo que sou, pelo incentivo e por me ajudar sempre que necessitei, principalmente por cuidar do meu filho nos momentos em que precisei me ausentar. Aos meus irmãos, Wanderson, Daiane e Viviane, que entendiam quando eu queria silêncio e ficavam com meu filho para que eu pudesse estudar.

Ao meu amado companheiro, Rodolfo Silva, que compreendia a minha ausência, até mesmo quando eu estava em casa e não lhe dava atenção, pois todo tempo livre era para estudar. Sou grata pela paciência e por cuidar tão bem do nosso filho, à você meu amor, muito obrigada!

Não poderia deixar de agradecer ao meu grande amor, Rogger, que ficava mais tempo com outras pessoa do que com a mãe, e mesmo quando estava comigo, respeitava e entendia quando eu queria ficar isolada me dedicando a esse trabalho. É por você que eu vivo!

À Edimária e a Jande, minhas confidentes nos momentos de desespero. Ambas me ajudaram desde do início dessa pesquisa, me orientando, me dando dicas e me acalmando quando eu não sabia mais o que fazer.

Aos meus sogros Dinha e Vavinho e as minhas cunhadas que se colocavam à disposição para me ajudar no que fosse preciso.

Agradeço a minha orientadora Iris Verena Santos de Oliveira, por ter acreditado que era possível realizar esse trabalho. Meus sinceros agradecimentos pelas orientações, broncas e sugestões durante toda a pesquisa.

Ao professor Igor Trabuco, que sempre se colocou à disposição para me ajudar, tanto me emprestando livros, quanto fazendo suas considerações em relação ao meu trabalho.

As professoras Aline Gordiano, Suzana Macário e Edilanny Cordeiro, pelo carinho e pelas contribuições durante esta caminhada.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas e amigos da “panela fundo triplo”, Aline, Fabiana, Matheus e Jackson, pelas contribuições e parcerias ao longo do curso. A Jackson meu muito obrigado, que mesmo com sua vida corrida, arranjava um tempinho para me socorrer com a ABNT.

À Tainá, que apesar de não fazer parte da “panela”, se tornou uma grande amiga.

Também quero de maneira especial agradecer as benzedadeiras, Maria, Anália, Izabel, Aldeny e Elenita, pessoas de grande simpatia, que me receberam em suas casas de braços abertos. Sem vocês nada disso seria possível. Aos demais entrevistados, que também foram importantes nesse processo, meu muito obrigada!

A todos e todas, inclusive as que não foram citadas, minha eterna gratidão!

“Aquele que acredita realmente na sua religião, não tem tempo e nem necessidade de criticar a fé dos outros. ”

Chico Xavier.

RESUMO

Este trabalho versa sobre a prática de cura das benzedeiras do Distrito de Salgadália, Conceição do Coité, BA e sua interação com a comunidade, no período que compreende os anos de 1990 a 2014. A pesquisa se propôs a discutir como se deu a iniciação dessas mulheres no ritual de benzeção, bem como, a importância das mesmas nos procedimentos de cura, principalmente de doenças, que segundo elas, não estão presentes no campo da medicina oficial. Com base nas narrativas, tanto das benzedeiras, quanto de moradores da comunidade, participantes de diferentes religiões, foram investigados a percepção dos mesmos sobre essa prática, evidenciando os conflitos entre as praticantes da benzedura e os cristãos, especialmente os evangélicos, que condenam esse ritual associando-o ao candomblé.

Palavras-Chave: Benzedura. Cura. Conflito, Salgadália.

ABSTRACT

This work is about the healing practice of the healers in the District of Salgadália, Conceição do Coité, BA and their interaction with the community in the period between the years of 1990 to 2014. This research intends to discuss how these women were initiated in the blessing rituals, as well as their importance in the healing procedures, specially of illness, that according to them, are not present in the official medical field. Based upon the narratives, as both the healers and inhabitants of the community practitioners of different religions, were investigated the perception of thereof, highlighting the conflicts between the blessing practitioners and the Christians, specially the protestants, that condemn this ritual associating it to the Brazilian Vodum.

Keywords: Blessing. Healing. Conflicts. Salgadália.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Hortelã-graúdo	28
Figura 2. Arruda	28
Figura 3. Capim-santo.....	29
Figura 4. Algo da Índia.....	29
Figura 5. Couve e hortelã-miúdo.....	30
Figura 6. Vassourinha.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1.CAPÍTULO I – MULHERES QUE BENZEM: DOM E ENSINAMENTO.....	18
1.1 Trajetórias de vida das mulheres benzedoras.....	19
1.2 “As meninas como já sabia me ensinavam para eu também rezar e nisso eu aprendi”.....	32
1.3 “Nem eu mesmo sei como aprendi. Foi um dom que Deus me deu e eu aceitei”.....	34
2.CAPÍTULO II – O ATO DE BENZER: PRÁTICA DE CURA.....	37
2.1 A fé como elemento central no ritual de benção	39
2.2 Cura que não vem da medicina e vem da reza	41
3.CAPÍTULO III – EMBATE ENTRE OS CRISTÃOS E A PRÁTICA DA BENZEDURA.....	44
3.1 A cura nos cultos evangélicos.....	48
UMA PAUSA PARA REFLETIR.....	57
LISTA DE FONTES.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

INTRODUÇÃO

O benzimento é uma prática antiga no Brasil, sendo utilizada desde o período colonial por negros e índios, que com o uso de ervas naturais curavam as doenças do corpo e alma (SOUZA apud NOGUEIRA, Versonito, Tristão, 2012).

O presente trabalho, pretende analisar o ritual de benzeção no Distrito de Salgadália, localizado a 17 km da cidade de Conceição do Coité-Ba, no período que compreende 1990 a 2014, momento em que houve uma maior atividade das benzedeiras, como relata Dona Aldeny: “foi nessa época mesmo que eu aprendi a rezar, foi na época que Márcia adoeceu, muita gente disse que era uma desidratação que deu no povo nessa época”.¹

O recorte espacial pelo qual se optou neste trabalho está circunscrito à Salgadália, por possuir um número considerável de praticantes deste ofício. Vale ressaltar que muitas mulheres da minha família, em especial minha bisavó, avó e tias praticavam e praticam a benzedura, ou seja, em meu cotidiano essa prática de cura é muito presente, o que evidencia as razões para a escolha desse tema.

Pretende-se entender as motivações para a sobrevivência desta prática popular em nossa comunidade e analisar como esse ritual de cura é legitimado pelas demonstrações de crença daqueles que acreditam no “dom das benzedeiras”. As benzedeiras possuem perfis diferentes e maneiras específicas de benzer, mas, todas se baseiam na ideia de que para alcançar a cura é necessário ter fé.

Estas benzedeiras, haja vista serem todas mulheres, são procuradas por pessoas de diferentes segmentos sociais, que recorrem em momentos de doenças, e quando os remédios orientados pela medicina oficial já não fazem o efeito desejado. Por outro lado, muitos frequentadores das casas destas mulheres optam pela negação desta crença em público, algumas por terem uma religião evangélica declarada para a sociedade e outras pelo próprio preconceito que a sociedade impõe quando associa as benzedeiras ao candomblé e feitiçaria.

Com relação à metodologia, a história oral conduzirá esta pesquisa. Metodologia que segundo Matos (2011), consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem ter testemunhado acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. No caso em questão, escolhi as benzedeiras e suas práticas de cura,

¹Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

destacando como o benzimento entrou em suas vidas. Por meio de suas vozes encontrei a possibilidade de registrar uma atividade que faz parte da cultura imaterial.

Para Thompson:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: 17).

As entrevistas² foram realizadas com: Dona Isabel dos Santos de 75 anos, Dona Anália Pereira Gomes de 81 anos, Dona Maria Gomes Pinheiro de 90 anos, Dona Aldeny de 53 anos e Dona Elenita de 36 anos. Todas elas são antigas benzedadeiras e que até hoje são procuradas com frequência, tanto por pessoas da comunidade, quanto de cidades próximas. Fato destacado por Dona Izabel que já foi rezar em Coité, Queimadas, Salvador e em outros lugares da Bahia.

Perseguir os rastros de sujeitos portadores de um saber de cura, que produziram na tessitura das relações sociais e cotidianas seus lugares de visibilidade, são os desafios enfrentados nos caminhos para desenvolver este estudo. Recentemente na historiografia, aumentaram as produções sobre as práticas curativas. Estudos como estes tornando-se possíveis pelas concepções formuladas pela história social, abrindo possibilidades para estudos sobre homens e mulheres e suas relações sociais.

Nesse sentido, os estudos de E.P. Thompson tornaram-se imprescindíveis para pensar nos costumes como um campo para mudanças e disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes. O costume é apresentado em práticas antigas e constantemente repensadas pois fazem parte da realidade, onde o autor salienta a importância da investigação exaustiva para colocar as práticas e tradições em seu devido contexto histórico. E com base nos estudos de Thompson, podemos refletir sobre as vivências cotidianas, crenças, saberes construídos por experiências dos sujeitos sociais em Salgadália (THOMPSON, 1998).

Nesta perspectiva, percebemos que essa prática foi desenvolvida não só por uma necessidade da população devido à carência médica, mas também por uma questão de cultura passada de geração para geração. O cotidiano local é permeado por crenças destacando o dom como elemento fundamental para a realização da benzedura e a fé como instrumento de cura tanto por parte de quem reza quanto de quem é rezado (SILVA, 2013).

² Vale ressaltar que as entrevistas foram transcritas na íntegra.

As benzedeiras afirmam não cobrar por suas rezas, por acreditarem que devem fazer o bem sem pedir nada em troca. Ainda assim recebem gratificações por parte das pessoas rezadas. O que identificamos em Salgadália também ocorre em outras comunidades rurais, como no Maracujá, área rural caracterizada por uma população negra e com rastros da cultura afro-brasileira (SILVA, 2013). Mas, vale ressaltar que mesmo estas benzedeiras sendo vistas como pessoas de “bem”, muitos desprezam este ofício questionando tal ritual como “feitiçaria”.

Muitos trabalhos na área da História Social da Cultura têm trazido à historiografia temas relacionados a cura e os costumes. Dentro desta área alguns estudos têm contribuído de forma positiva no que se refere aos estudos sobre a cura por meio do benzimento. Podemos fazer referência ao trabalho de Gabriela Sampaio “Nas trincheiras da cura” sobre a cura popular que se sobressaía a medicina oficial no Rio de Janeiro imperial. Em suas reflexões, os médicos buscavam legitimação para suas práticas curativas e com tal propósito, deslanchou-se uma campanha contra o curandeirismo. Utilizando-se dos poderes designados pela Junta Central de Higiene, os médicos higienistas empreenderam ações de repressão ao curandeirismo. Na campanha, esses médicos se propuseram a denunciar as práticas de cura que consideravam prejudiciais à saúde pública daquela sociedade, porque estavam interessados em ganhar prestígio e serem reconhecidos como os únicos profissionais aptos a exercer a medicina acadêmica, cujo exercício baseava-se em métodos de cura de comprovação “científica” de acordo com a concepção da época (SAMPAIO, 2001).

As contribuições desses estudos para a minha pesquisa, foram compreender que tais análises apontam para uma realidade em que a medicina oficial tentava se firmar como a única capaz de curar, mas que tiveram que continuar convivendo com outras práticas de cura, que resistiram as perseguições.

Os estudos de Sidney Chalhoub em “Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial”, contribuíram para entender as relações sociais produzidas no Rio de Janeiro, através das maneiras de cuidar da saúde para controlar as epidemias e endemias, que atingiram a Corte Imperial e alteraram o cotidiano dos grupos sociais daquela sociedade. Além disso, as autoridades públicas criaram ações para controlar os seguimentos pobres, estabelecendo normas reguladoras que consideravam esse seguimento social, suas moradias como “classes perigosas” para a saúde pública (CHALHOUB, 1996).

A coletânea “Artes e Ofícios de curar no Brasil”, também traz grandes contribuições para a História Social de concepções terapêuticas das doenças e das curas. Sua importância

reside, sobretudo, em analisarmos os conflitos acirrados entre os inúmeros agentes de cura na defesa de suas práticas terapêuticas em diversas regiões do Brasil. Esses estudos refletem também a importância que tal temática vem adquirindo ao longo do tempo, ampliando o leque de abordagens sobre o tema.

No que tange a Bahia, pode-se citar “Nas encruzilhadas da cura”, de Denilson Lessa dos Santos que também discute as curas populares, especificamente na cidade de Santo Antônio de Jesus (1940-1980). O autor evidenciou nas suas pesquisas que as práticas de cura exercidas pelos curandeiros naquela sociedade sofreram repressão por parte dos médicos, que também declaravam que as práticas curativas eram perigosas à saúde pública. Nesse enfrentamento, a medicina dos doutores estava empenhada em legitimar seus ofícios em Santo Antônio de Jesus, já que a sociedade se encontrava dividida entre a cura dos doutores ou a recorrência aos velhos curandeiros (SANTOS, 2005). Esse trabalho contribuiu para compreender as diversas práticas de cura como sobrevivência de tradição, resultantes de diversos saberes culturais, sobretudo, aqueles oriundos das populações afro-brasileiras.

Também podemos fazer referência ao trabalho de Alaíze dos Santos Conceição “O Santo é quem nos vale rapaz! Quem quiser acreditar, acredita” sobre as benzeções realizadas por Rezadoras e Rezadores da região de Governador Mangabeira-BA, entre os anos de 1950 e 1970. Essa obra insere-se no campo da história cultural e religiosa, percorrendo os caminhos do cotidiano dos indivíduos na tentativa de apresentar os sujeitos pesquisados, bem como suas trajetórias e migrações em busca de melhores condições de vida frente ao contexto político e social da população do Recôncavo Baiano (CONCEIÇÃO, 2015).

As contribuições desse estudo para minha pesquisa, foram entender as relações estabelecidas entre o sobrenatural, as doenças e a cura, bem como, o imbricamento de crenças nas práticas de benzeções.

Sobre Conceição do Coité, temos como referência o trabalho de conclusão de curso “O poder dos saberes populares” de Vanusa Silva que centrou sua pesquisa na comunidade de Maracujá e trabalhou com benzedeiros (os) e curandeiros (os), analisando as diferentes práticas curativas desta localidade e principalmente a maneira como os sujeitos se relacionam com essas práticas (SILVA, 2013).

Esse estudo ajudou a perceber como as pessoas lidavam com a relação entre doença e cura, evidenciando a importância do conhecimento das raízes e plantas medicinais no tratamento dos males do corpo. Os estudos que analisam as práticas de cura e suas relações

culturais ajudaram a explicar como as camadas populares reagiram diante de um processo de higienização da sociedade, que interferiu nos hábitos dessa população.

Essas benzedeiras sempre sofreram perseguições por discursos médicos e religiosos que não aceitam outro tipo de medicina além da científica. Perseguições aos diferentes agentes, como afirma Gabriela Sampaio (2001) em estudo sobre a cura popular num período em que a medicina oficial estava buscando se firmar.

Pesquisar temas pouco tratados pela historiografia e refletir sobre o importante papel que exercem na história da humanidade me inquieta. Esses fatores despertaram o meu interesse em estudar uma prática de cura popular presente em diversas regiões do Brasil, e que é muito praticada na localidade em que vivo.

As benzedeiras de Salgadália, sujeitos desse estudo, por meio de suas narrativas, mobilizam o conhecimento de um saber popular, sobrevivente frente às inovações na medicina oficial. Partindo do pressuposto de que estas agentes de cura, pouco aparecem na historiografia e mesmo considerando as pesquisas existentes relacionadas ao tema, e a contribuição destas para a história, é preciso voltar nossos olhares para outras comunidades rurais de Conceição do Coité para perceber as semelhanças e especificidades existentes nas práticas de tais sujeitos. Tal pesquisa tem possibilidade de se realizar visto que existe no Distrito de Salgadália uma quantidade considerável de benzedeiras que ainda atuam nos dias atuais com a prática das rezas para cura de doenças físicas e espirituais.

Houve disponibilidade destas benzedeiras para responder as entrevistas e entusiasmo das mesmas em relação ao trabalho, pois consideram que tais pesquisas dão evidência as suas ações, o que tornou possível a proposta empreendida neste projeto. Desta forma, é importante destacar que a colaboração das fontes orais e a grande relevância do tema para a historiografia local, regional e nacional tornou viável a realização trabalho. A partir dessa perspectiva, faz-se necessário perceber e reconhecer a importância dessas benzedeiras que não aparecem nos documentos escritos.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro tem a intenção de apresentar os espaços em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos, discutindo o perfil das benzedeiras de Salgadália, evidenciando suas semelhanças e especificidades. Pretende-se ainda, analisar como se deu a iniciação dessas mulheres no ritual de benzeção.

O segundo capítulo, analisa a prática de benzedura, os motivos que levavam uma pessoa a procurar a benzedeira e/ou médico, bem como a influência da fé no processo de cura,

especialmente, na cura de males que as benzedadeiras afirmam não fazer parte do campo da medicina oficial.

O último capítulo pretende analisar os conflitos entre as benzedadeiras e cristãos, principalmente os evangélicos, que condenam essa prática de cura. Para realizar esta análise, o texto recorre as narrativas tanto das benzedadeiras, quanto dos moradores da comunidade, praticantes de diversas religiões.

CAPÍTULO I – MULHERES QUE BENZEM: DOM E ENSINAMENTO

Para compreender o contexto social em que os sujeitos desta pesquisa estão inseridos é necessário conhecer a história dos espaços em que vivem. Edimária Souza em sua monografia, ajuda-nos a entender as origens do município de Conceição do Coité.

A ocupação de Conceição do Coité se deu a partir da concessão das sesmarias, numa região denominada como Sertão dos Tocós. As sesmarias eram concedidas pelos governadores gerais a latifundiários, com o objetivo de que áreas inabitadas fossem povoadas e cultivadas. Estas sesmarias favoreceram a ocupação de áreas inexploradas e consequente povoamento das mesmas (SOUZA, 2012, p. 14).

Os dados do IBGE apresentam a trajetória desta localidade até se tornar município.

Segundo a tradição, o município de Conceição do Coité originou-se da povoação denominada "Coité" ou "Cuité" (ambas as pronúncias eram usadas primitivamente, para qualificarem a localidade), que pertencera ao território do município de Jacobina, inicialmente, e depois ao de Riachão de Jacuípe. (...) Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 3 distritos: Conceição do Coité, Retirolândia e Salgadália. A Lei Estadual n.º 1.752, de 27-07-1962, desmembra do município de Conceição do Coité o distrito de Retirolândia, elevado à categoria de município. (...) Em divisão territorial datada de 2014 o município é constituído de 6 distritos: Conceição do Coité, Aroeiras, Bandiaçu, Joazeiro, São João e Salgadália.³

A história do município presente na memória da população, é contada basicamente da mesma forma principalmente entre os memorialistas da região. Edimária Souza fala da importância de escrever sobre a história de Coité.

Ao analisar a história da formação de Coité, foi possível identificá-la como uma sociedade em constante construção com modelos e relações singulares, onde evidenciam suas particularidades, estando articulada com o processo de formação da nação brasileira. Assim, faz-se necessário afirmar que quando se escreve a história da região dos Tocós, mais especificamente a de Coité, não se faz apenas uma história a nível regional, mas, principalmente, é acrescentado um capítulo na história do Brasil (SOUZA, 2012, p. 17)

Nesta perspectiva, esses estudos sobre a história local, apresentam contribuições para conhecer e valorizar suas práticas e costumes. Quanto ao Distrito de Salgadália, localizado a 17 km do município de Conceição do Coité, estudos apontam que o seu desenvolvimento se deu a partir da implantação da ferrovia. Sobre essa questão, Abigail Bispo dos Santos diz:

A fazenda Salgada, anterior à ferrovia, respirava em um meio totalmente rural.(...) É possível encontrar ainda atividades agrícolas como plantio de milho feijão e mandioca, voltadas para subsistência, caracterizado por uma economia de policultura conectada a um mercado regional (SANTOS, 2013, p. 18).

³Fonte: Conceição do Coité (BA). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20 p. 180-185. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_20.pdf. Acesso em: 13 de outubro de 2016.

Essas características ainda estão presentes nesta localidade, embora tenha havido um processo de urbanização. Muitas pessoas ainda vivem do plantio de milho, feijão e mandioca, seja plantando para subsistência, vendendo parte da produção ou fazendo diárias em roças de outros. A principal profissão da maioria da população é de lavrador, ou seja, aquele que trabalha na roça.

O Distrito de Salgadália é o maior produtor de sisal da região e movimenta a economia tanto local, quanto do município. Nesta localidade se faz presente uma variedade cultural, atraindo diversas pessoas das cidades vizinhas. Dentre as festividades destacam-se: a gincana do sisal, o samba de roda, a cavalgada das mulheres e o reisado, todas essas tradições são realizadas anualmente.

O povoado do Serrote, fica localizado a 5 km de Salgadália e a 12 km de Conceição do Coité, ou seja, fica situado entre o Distrito e o Município. A estrada que liga da sede até Salgadália é de fácil acesso, possui estrada asfaltada o que facilita o deslocamento. Segundo moradores desta comunidade o nome Serrote foi originado de uma planta e seus primeiros moradores foram índios.

Como todo lugar tem sua história, o povoado Serrote não é diferente. Este lugar era composto por uma grande mata, e foi habitado por índios inicialmente, que com o passar dos anos desapareceram. (...) No dia 17 de janeiro de 1933 a Fazenda Serrote foi fundada pelo Sr. José Maria Pereira Gomes (conhecido como Zé Maria) e pelo Sr. Antônio Pereira Gomes (conhecido como Antônio Bizer) e famílias. (...) O nome desta comunidade foi originado através de uma planta chamada Serrote, caracterizada por folhas e frutos pequenos, planta a qual era encontrada com grande diversidade e proporção próxima a lagoa.⁴

Semelhante a Salgadália, a população deste povoado, vive da agricultura, cultivam feijão, milho e mandioca. Vale ressaltar, que essa atividade está intimamente ligada as pessoas mais velhas, visto que os jovens trabalham em áreas distintas em outras cidades. O clima seco tem prejudicado a plantação o que propiciou o deslocamento de muitos para outras regiões em busca de empregos.

O povoado possui manifestações culturais realizadas anualmente, como o bumba-meu-boi, samba de roda, festa junina e cantiga de roda. Vale lembrar que são nesses espaços que vivem as benzedadeiras, sujeitos que compõem esta pesquisa.

1.1 Trajetórias de vida das mulheres benzedadeiras

⁴ PREFEITURA MUNICIPAL. A história do Serrote. S/E. Conceição do Coite, 2013.

Durante muito tempo a historiografia tradicional considerava a História Oficial, com base em documentos escritos, como a única fonte confiável. Em certas comunidades, o trabalho com fontes orais é o único meio disponível para a obtenção de informações sobre determinados assuntos, seja pela falta de outros registros, pela inexistência de outras pesquisas relacionadas ao tema ou pelo fato de serem as pessoas as únicas detentoras das informações necessárias para o entendimento do tema estudado. Salgadália apresenta estas características, visto que, a oralidade é a principal forma de transmissão do ofício de benzer entre as suas praticantes, além de possibilitar a legitimação desse saber transmitido oralmente. Sobre isso, Thompson esclarece que:

A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p.25).

Neste sentido, as narrativas produzidas através da oralidade, possuem uma função social importantíssima no momento em que possibilitam a diferentes atores a oportunidade de se expressarem como agentes de sua história e, através deles, a de uma comunidade inteira, antes desconsiderada no contexto histórico local, valorizando-os e reconhecendo-os como detentores de informações e conhecimentos únicos na localidade onde estão inseridos

A importância do uso da oralidade para o estudo da transmissão do benzimento se justifica também, conforme cita Thompson:

Em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. [...] O traço mais surpreendente de todos, porém, talvez seja o impacto transformador da história oral sobre a história da família. Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas (THOMPSON, 1998, p.27).

No Distrito de Salgadália as praticantes do ofício de benzeção são procuradas frequentemente por seus clientes. Vale ressaltar que todas as entrevistadas têm mais de trinta anos de idade e atuam já algum tempo como benzedeadas.

As benzedeadas fazem parte de um grupo não homogêneo, embora realizem orações e desenvolvam rituais de forma similar. Diferenciam-se no modo particular como interpretam e reinterpretam as múltiplas situações com que se deparam, constituindo-se sujeitos ativos e presentes nas lutas e tensões que vão travando no transcorrer da vida, principalmente no

tocante à afirmação de diversos de seus conhecimentos e dos posicionamentos éticos e humanos que adotam, onde valores como religiosidade, fé, devoção, solidariedade e respeito ao próximo são privilegiados.

Conhecer as trajetórias de vida dessas mulheres é de fundamental importância, para entender quem são esses sujeitos e como se deu a iniciação dessa prática de cura em suas vidas. Santos faz a seguinte definição:

As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam as benzeduras, termo que abrange um repertório material e simbólico que pode ser bastante abrangente. Para executar a prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, como “súplicas” e “rezas”, com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. (SANTOS, 2007 p.2)

As falas a seguir revelam narrativas sobre suas experiências de vida.

Dona Maria Gomes Pinheiro tem 90 anos, natural do Povoado do Serrote, evangélica, viúva e mãe de quatro filhos. Filha de Josefa Rodrigues Gomes e José Maria Pereira Gomes, lavradores, conta que começou a trabalhar na roça ainda criança. Aposentada, relata com orgulho que embora tenha estudado até a quinta série, foi professora por mais de sessenta anos.

Comecei a trabalhar na roça com quatro anos de idade, pequenininha ainda. Com quatro anos andava já com a enxadinha pra ajudar meus pais. Minha profissão, primeiro foi trabalhar na roça, trabalhar na enxada, era isto e depois passei a ser professora, a ensinar. Eu acho que eu ensinei mais de sessenta anos. Mas pela prefeitura passei a ensinar, pela prefeitura eu ensinei quarenta e cinco anos. Agora particular pago pelos pais das crianças, eu ensinei muitos anos, muitos e muitos anos e hoje estou aposentada.⁵

Dona Maria justifica seu grau de escolaridade, relatando que por ser de uma família grande, sendo que ela era a mais velha e que passavam necessidades, começou a trabalhar para ajudar na renda da família.

Faltava alimento minha fia, e isto era muito, faltava porque a família cresceu e aí todo mundo passou a trabalhar pra ajudar os pais, mas passava necessidade. Deus via, portanto a gente não pode encobrir, que Deus via. Só vivia do trabalho da roça, não tinha outra profissão não. Os pais não tinham, quanto mais os filhos. Toda minha geração sobrevivia de trabalho na enxada.⁶

Na fala de dona Maria, fica evidente, o quanto a vida na roça era difícil, sem opção de empregos e de difícil acesso a medicina.

⁵ Entrevista realizada com Dona Maria em 07 de agosto de 2016

⁶ Entrevista realizada com Dona Maria em 07 de agosto de 2016

Da roça, se plantava se tinha. Era isto, a renda era esta. Do que se plantava Deus dava, mas outra não tinha. Morria do mal de seis, sete, oito dias, que tinha esse mal, chamado mal de sete que quando dava na criança morria logo, nem ia pra médico, pra nada morria ali mesmo. Nesse tempo médico só tinha em Santa Luz, Doutor Leitãozinho. E ia de a pé minha fia? Hein? Naquele tempo tinha o que pra andar? Jegue e cavalo.⁷

A dificuldade de subsistência, somava-se a falta de acesso a medicina oficial, o que acabou colaborando para o aumento da prática de benzedura. No entanto, não devemos desconsiderar que muitas pessoas procuram as benzedeiras por serem recebidas com carinho, ou por certo desconforto com a medicina oficial ou o tratamento que recebem pelos profissionais da saúde. Vale ressaltar que ao ser indagada se em algum momento utilizou a benzedura como profissão, dona Maria respondeu em tom firme e exaltado, que nunca cobrou pelo benzimento, demonstrando que se sentiu ofendida com a pergunta.

Não, nunca ganhei dinheiro com reza, não, eu rezava mais era de graça, não, nunca ganhei nada. Naquele tempo ninguém da minha geração, minha vó, minha mãe, ninguém cobrava reza, nem quem ia rezar nas casas. Eu, comadre Tereza, até quando ia rezar de uma dor de uma coisa qualquer, ninguém nunca cobrou nada. Pedia era Deus lhe pague e Amém, era isso, a conversa era essa.⁸

Percebe-se na fala de Dona Maria, que as relações estabelecidas entre benzeadeira e cliente eram de solidariedade, visto que a benzedura é bastante valorizada no meio rural.

Outra benzeadeira natural do Povoado do Serrote é Dona Anália, 81 anos, católica, solteira e mãe de um filho. Irmã da benzeadeira Dona Maria, também relatou as dificuldades enfrentadas durante sua infância e adolescência.

Era muito difícil, a gente foi criado numa época que a nossa vida era dura. A pessoa só vivia de roça, no ano que dava seco a pessoa passava muita privação. Já passei muita fome, esperava o dia que Deus dava que a gente arrumava um trocadinho pra ir comprar aquilo pra comer.⁹

Dona Anália também destaca que estudou apenas até a quarta série pois tinha que trabalhar para ajudar os pais a criar os irmãos.

Estudei só até a quarta série, só sei essa bobaginha. A gente não tinha tempo de estudar, a gente ia era trabalhar pra ajudar a criar os mais novos. Sou de família grande e tinha que trabalhar bem pra sobreviver, até mesmo que lá era dez pessoas só de filhos e os dois velhos era doze pessoas e a gente os mais velhos tinha que trabalhar pra ajudar ir criando os mais novos.¹⁰

⁷ Entrevista realizada com Dona Maria em 07 de agosto de 2016

⁸ Entrevista realizada com Dona Maria em 07 de agosto de 2016

⁹ Entrevista realizada com Dona Anália em 07 de agosto de 2016

¹⁰ Entrevista realizada com Dona Anália em 07 de agosto de 2016

Esta fala representa uma característica comum em muitas famílias que vivem na zona rural. Geralmente são famílias humildes, com muitos filhos, sendo que na maioria dos casos precisam abandonar os estudos para contribuir na renda da família. As dificuldades por viver na zona rural, ter de colaborar nas tarefas da roça e conseqüentemente abandonar os estudos, era uma realidade que não cabia só a Dona Anália, mas também à grande maioria das benzedadeiras de Salgadália.

A invocação a santos católicos pra a obtenção da cura é outra característica que encontramos na benzeção. Essas benzedadeiras baseiam suas orações nos ensinamentos da Igreja Católica, benzem em nome de Deus e de santos e a maioria possuem imagens em suas residências.

Meus santos era, o quadro de Nossa Senhora, São José, os santos assim, Coração de Maria, a mãe de Deus das Candeias, mas o cupim começou a comer, Santa Luzia, eu tinha, esse de Santa Luzia eu tenho, mas os outros o cupim comeu. Durante a reza a gente pede aos santos, a Deus e a eles pra dá saúde aquela pessoa, pra melhorar daquilo que tá sentindo.¹¹

Nos rituais realizados pelas benzedadeiras, as orações e os gestos, como o sinal da cruz são semelhantes às orações da Igreja Católica. Amorim considera que a benzeção:

É um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente, aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais concretos. Para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos (AMORIM, 2004, p. 4).

Dona Anália chega a declarar que acredita que esse tipo de prática de cura tenha origem no catolicismo.

Eu não sei, mas eu penso que foi da religião católica que não havia essa de crente, eles nem falavam nessa, todo mundo era católico. A Igreja Católica não critica não, quem critica a reza é a evangélica, que não gostam da reza, agora eu não me importo com quem siga lá sua religião que quiser, mais eu fico na minha católica, fui criada nela e estou até aqui nessa idade e hei de morrer na religião católica.¹²

A fala de Dona Anália, revela o sentimento de orgulho de participar da Igreja Católica e o quanto que essa religião influencia no seu modo de praticar a benzedura. Nesta perspectiva, percebe-se que estas mulheres apoiam-se nos ensinamentos e dogmas da Igreja Católica para validar suas práticas. No que diz respeito a participação feminina na religião, Farinha afirma que,

¹¹ Entrevista realizada com Dona Anália em 07 de agosto de 2016

¹² Entrevista realizada com Dona Anália em 07 de agosto de 2016

Pode-se perceber que a representação feminina na religião se constitui como perpetuadora da realidade vivida cotidianamente pelas mulheres, porém isso não se dá sem resistências uma vez que as mulheres apresentam uma postura ativa e a cada dia conquistam mais espaços seja por meio da religião tradicional ou através da religiosidade popular, como acontece com as benzedeiras, pois embora existam também benzedores, seu relacionamento com a comunidade em que atua faz com que se construam identidades diferenciadas (FARINHA, 2009, p.347).

Nesta óptica, ao se declararem pertencentes a uma religião, estas benzedeiras demonstram como esperam ser vistas diante da sociedade, principalmente expressam o desejo de não serem comparadas e/ou confundidas com os profissionais de cura ligados ao candomblé. Entretanto, embora neguem qualquer semelhança com o candomblé, muitas destas benzedeiras possuem em suas residências imagens de santos que também fazem parte deste ritual, com destaque para Cosme e Damião.

Neste sentido, tentam se distinguir de outros profissionais, alimentando a sua identidade religiosa e a sua prática como benzedeira. Essa questão pode ter relação com medo do preconceito sofrido pelos adeptos das religiões de matriz africana, que são constantemente associados à práticas demoníacas.

Dona Izabel Santos Santana, 75 anos, analfabeta, católica, viúva e mãe de treze filhos, nasceu em Queimadas e reside atualmente em Salgadália onde veio morar quando ainda era jovem. Dona Izabel assim como as demais benzedeiras citadas anteriormente, é membro de uma família grande, sendo que ela é a mais velha dos doze irmãos. Dona Izabel conta como era a sua vida e de seus irmãos antes de fixarem moradia em Salgadália.

A gente morava assim, no tempo de meu pai, nós morava no mundo, na linha, no trem. Nós pegava um trem aqui e nós morava no trem até quando vagava um casa no barracamento pra gente morar, porque não podia morar na casa de ninguém só podia morar no barracamento. Nós saiu daqui e foi pra Jacurici, pra Quijingue, de Quijingue nós foi pra Alagoinhas, de Alagoinhas nós foi pra Campo Grande, moramos esse tempo por aí tudo. E aí voltamos de novo pra aqui e quando chegemos aqui, nós fiquemo aqui. Daqui meu pai ficou aqui e eu arranjei namorado aqui e casei. Nós vivia assim porque meu pai trabalhava na linha de ferro, era empregado da linha de ferro e pra estudar, nós não estudava, minha família veio estudar depois de grande, todo mundo porque a gente não ficava parado no lugar.¹³

Apesar das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, Dona Izabel lembra com alegria dos momentos que viveu.

E nós foi tudo pra Alagoinhas e aí vivemos numa vida boa graças a Deus. Meu pai chegava e dizia: nós vai na casa de Neuza fazer uma roupa pra vocês e pra festa em Tererú dia de sábado. E quando chegava em Tererú, cada um tocava um pouquinho, nós tudo tocava o pandeiro na festa. Minha vida foi tão boa, graças a Deus, muito boa mesmo, ele comprava roupa e dava a gente, dinheiro na mão da gente não

¹³ Entrevista realizada com Dona Izabel em 11 de agosto de 2016

faltava. O dinheiro que ganhava na Leste, ele dava todo a gente, pagava costura da roupa e dava tudo. Meu pai foi muito bom pra mim, meu marido também foi muito bom. Eu saía pra tudo quanto é canto, e chegava em casa tava tudo feito.¹⁴

Semelhantemente as demais benzedeiras, Dona Izabel teve uma vida simples desde sua infância, nunca cobrou pelas orações, ressaltando que tem como profissão fazer vassoura e costurar. “Toda vida trabalhei fazendo vassoura e costurando, e até hoje tenho essa profissão. Nunca cobre nada pra benzer, porque as palavras de Deus não se vende”.¹⁵

Embora não cobrem por suas orações, estas recebem presentes, os quais relacionam não como um pagamento dos serviços, mas como “agrados” recebidos. Nesta perspectiva, Nery (2009) afirma que ser um benzedor ou benzeadeira não é uma escolha pessoal, por isso, nas falas das benzedeiras há sempre a recorrência da frase “Deus é quem cura!” E a partir dessa frase justificam a gratuidade de seus serviços.

Neste sentido, Leite e Archanjo ressaltam:

As benzedeiras encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, por acreditarem no bem que fazem aos outros[...]. Não cobram pelos serviços prestados, mas muitos dos que procuram seus serviços costumam levar presentes como forma de agradecimento (LEITE; ARCHANJO, 2008, p. 18-19).

A benzeadeira Dona Aldeny, nasceu e cresceu no Serrote, tem 53 três anos, viúva e mãe de seis filhos. Também se declara católica, estudou até a quarta série e trabalha como lavradora. Justifica sua pouca escolaridade a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. “No tempo que estudava era mais difícil, assim estudar e trabalhar, era ou uma coisa ou outra, aí eu parei de estudar pra trabalhar.”¹⁶

Esta fala revela mais uma característica em comum entre as benzedeiras de Salgadália, todas são de família humilde, começaram a trabalhar muito cedo o que colaborou para o seu pouco grau de escolaridade.

Entre as benzedeiras entrevistadas Dona Aldeny, foi a única que ao ser indagada sobre a origem da benzedura como prática de cura, relatar que acredita que tenha vindo dos escravos.

Eu acho que foi de escravo, eu não tenho certeza, mais eu acho que foi. Hoje em dia muita gente usa muito pau, remédio de mato pra curar ferida e mesmo gripe, tosse, a

¹⁴ Entrevista realizada com Dona Izabel em 11 de agosto de 2016

¹⁵ Entrevista realizada com Dona Izabel em 11 de agosto de 2016

¹⁶ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 07 de agosto de 2016

peessoa pega raiz do mato e faz lambedor e cura. Eu mesmo não compro remédio de médico pra curar tosse, eu faço lambedor e pronto.¹⁷

Nota-se, que embora seja uma pessoa humilde e sem formação acadêmica, a experiência de vida e o conhecimento passado de geração em geração confere a Dona Aldeny um conhecimento em relação a utilização de ervas na cura de enfermidades. E que mesmo não sabendo a origem de tal prática de cura, realiza-se seguindo instruções de seus antepassados.

Por fim, resta caracterizar a benzedeira Elenita Santos de Jesus. A mais jovem entre as benzedeadas entrevistadas, 36 anos, branca, lavradora, casada e mãe de cinco filhos. Assim como as demais benzedeadas, Dona Elenita abandonou os estudos, frequentou a escola até a quinta série e começou a trabalhar ainda muito jovem. Apesar de atualmente frequentar a Igreja evangélica, especificamente a Assembleia de Deus, declara-se católica, justificando não ter sido batizada na religião evangélica. Também relatou que atualmente não está praticando a benzedura, pois os membros da Assembleia condenam essa prática de cura. “Deixei porque passei pra outra religião, aí deixei. Eles acham pecado, no caso a benzedura, eu não entendo mais eles não aceitam, só aceitam as orações deles.”¹⁸

A partir desta narrativa, é possível evidenciar o quanto que a conversão a religião evangélica influenciou a senhora Elenita a abandonar uma prática a qual ela afirma continuar acreditando.

O fato de eu ter mudado de religião não quer dizer que não acredito, que eu acredito, porque tudo na vida tem a mão de Deus, se tudo isso hoje existe, se não fosse pra existir imagem de santo e outras religião, e se fosse pra existir só a religião evangélica, Deus tinha deixado só a evangélica, não tinha deixado as outras religiões e essas coisas de santo e eu continuo acreditando na mesma coisa.¹⁹

A fala de Dona Elenita demonstra resistência diante dos que condenam o ritual de cura praticado por elas.

Diante do que foi exposto, percebemos que a trajetória dessas benzedeadas não foi de uma vida tranquila. São mulheres que, como tantas outras, não mediram esforços para enfrentar e superar as dificuldades do dia-a-dia, desempenhando as mais diversas atividades para adquirir o sustento.

Devemos considerar que esses sujeitos são provenientes de um contexto mais amplo, no qual se estabelecem relações sociais e culturais, ou seja, o cotidiano é permeado, sobretudo, pela necessidade do trabalho. Rezadeiras e rezadores não possuem

¹⁷ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 07 de agosto de 2016

¹⁸ Entrevista realizada com Dona Elenita em 07 de agosto de 2016

¹⁹ Entrevista realizada com Dona Elenita em 07 de agosto de 2016

exclusividade no ofício da benzeção; paralelamente a tais práticas culturais, destacam-se diversas atividades no dia-a-dia (CONCEIÇÃO, 2015, p. 70).

Nesta perspectiva, percebe-se na trajetória de vida dessas benzedeiras elementos em comum: são pessoas humildes, de baixa renda, com pouco ou nenhum grau de instrução, praticam seus rituais de cura em nome de uma religião, geralmente o catolicismo, são nascidas e criadas na zona rural e nas famílias de todas as benzedeiras existia algum parente que benzia. Vale ressaltar, que apenas uma das entrevistadas é branca, sendo que as demais possuem características negras. Entretanto, ao serem indagadas quanto a sua cor, responderam ser parda, fato que nos faz entender que elas não se consideram negras.

Nas narrativas de vida das benzedeiras de Salgadália, elas vão buscar em suas memórias o primeiro contato que tiveram com o universo da benzedura. E, a partir do momento em que começam a falar de suas vidas, evocam essas lembranças, designando esses momentos como um marco importante. O trabalho com fontes orais possibilitou trazer à História, como sujeitos aqueles que, de certa forma, foram excluídos e colocados no anonimato na história acadêmica. Segundo Michael Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se põem à “memória oficial”, no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p.15).

Dessa forma, a história oral tem se apresentado como uma valiosa contribuição para os estudos na área de história social, história cultural e do cotidiano, abrindo novas possibilidades a partir das memórias dos marginalizados. Os estudos da memória são fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes. De acordo com Pierre Nora:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...] (NORA, 1993, p.9).

A memória é a base de constituição da oralidade. Portanto, como discorreu Nora, ela, apesar de sempre atual, não apresenta precisão, pois está constantemente ajustada às crenças e imaginários dos indivíduos.

Neste sentido, historiadores da oralidade abrem possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações ente história e memória, assim como dos imaginários e

mentalidades individuais. A história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem serem ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas.

A religiosidade está presente em todo o cotidiano destas mulheres. Suas residências são espaços tanto da vida cotidiana privada, quanto espaço onde costumam realizar os rituais de cura. A autora Alaíze dos Santos Conceição contribuiu para ampliar a discussão da temática acerca da religiosidade, Conceição enfatiza que “geralmente existe um apego dos benzedores às práticas religiosas, fazendo com que a cura seja intercedida por santos ou guias, tendo em vista que as práticas curativas são sempre enfáticas no que diz respeito ao viés religioso” (CONCEIÇÃO, 2015, p. 98).

Neste contexto, um aspecto a se destacar é que quase todas as benzedadeiras se declaram católicas e fazem questão de reforçarem sua inclusão na igreja, pois elas se concebem cumprindo uma missão, uma vez que entendem terem recebido de Deus o dom de curar. Vale ressaltar que mesmo os evangélicos sendo contra a essa prática de cura, a benzedeira Maria declarada evangélica da Assembleia de Deus, realiza o ritual de benzeção.

Pode-se propor assim, que essas benzedadeiras enfrentam o dilema de se declararem adeptas a uma religião, assim mesmo, persistem numa prática combatida no seio daquela religião. Conforme já observado, as formas e práticas de benzimento desenvolvidas por cada uma das benzedadeiras remetem aos seus modos particulares utilizados no ritual de benzeção, todas elas utilizam ramos de plantas durante o ritual.

No quintal das residências elas costumam cultivar algumas plantas consideradas medicinais e que são utilizadas no ritual de benzeção. Dentre as várias plantas cultivadas por estas mulheres, cito as que são mais conhecidas como: vassourinha, arruda, hortelã e capim-santo. As imagens abaixo, são do quintal da benzedeira Dona Aldeny, segundo ela, essas ervas ajudam na cura de várias enfermidades, dentre elas: pressão alta, olhado, artrite, vento, verme, etc.

Figura 1. Hortelã-graúdo (*Plectranthus amboinicus*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

Figura 2. Arruda (*Ruta graveolens*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

Figura 3. Capim-santo (*Cymbopogon citratus*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

Figura 4. Alho da Índia (*Allium sativum*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

Figura 5. Couve e hortelã-miúdo (*Brassica oleracea* e *Menhta ssp*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

Figura 6. Vassourinha (*Scoparia dulcis*)



Fonte: Fotografia feita pela autora do trabalho

A benzedeira Izabel, expôs sua preferência por vassourinha e justifica o motivo: “Eu gosto de rezar mais de vassourinha, porque a vassourinha é de Nossa Senhora”.²⁰ A benzedeira Dona Aldeny também ressaltou sua preferência por vassourinha e justificou: “A vassourinha serve pra fazer chá pra dente, quando a criança tá de diarreia, a vassourinha é bom que é fresco e é bom pra dar banho também”.²¹

É interessante perceber como existe um sistema simbólico construído pelas benzedeadas que causa receio, sobretudo, quando se trata do uso das plantas que contêm espinhos. Estas ao serem questionadas a esse respeito, não souberam justificar o porquê, apenas disseram que aprenderam assim. Como relata Dona Anália: “Não sei minha filha, eu aprendi assim, me ensinavam mamãe e as meninas. As mais velhas sabiam e aí elas já me ensinavam assim, para eu não rezar com coisa de espinhos”.²²

As plantas medicinais correspondem às mais antigas “armas” empregadas pelo homem no tratamento de enfermidades de todos os tipos, ou seja, a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças é um hábito que sempre existiu na história da humanidade (MORAES; SANTANA, 2001).

Quanto à eficácia das plantas Concone e Rezende dizem o seguinte:

Mesmo que o uso de plantas possa mostrar conhecimento fitoterapêutico e, consequentemente, eficácia no que concerne às escolhas das plantas, pelo menos no contexto religioso a eficácia simbólica não são coisas separadas (CONCONE; REZENDE, 1952, p.204).

Nota-se que, as plantas medicinais sempre foram utilizadas, sendo no passado o principal meio terapêutico conhecido para tratamento da população. Esse conhecimento é mantido por meio da tradição oral, como destaca Dona Izabel: “é tanto que eu ensino remédio ao povo pelos os mais velhos, os velhos ensinava remédio, eu tomava aquilo na minha cabeça, faço e dá certo”.²³

É importante considerar que atualmente, o emprego de plantas com propriedades terapêuticas não se baseia apenas no saber advindo do senso comum, construído culturalmente, muitas delas estão sendo estudadas cientificamente.

1.2 “As meninas como já sabia me ensinavam para eu também rezar e nisso eu aprendi”

²⁰ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

²¹ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

²² Entrevista realizada com Dona Anália em 09 de novembro de 2014

²³ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

Quanto à iniciação dessas mulheres como benzedeiras, cada uma percorreu inicialmente caminhos diferentes. Durante as entrevistas, ficou visível que o processo de aprendizagem se deu através de transmissão por um membro da família. Uma delas é Dona Anália, que carrega no histórico familiar a proximidade da mãe e das irmãs com o benzimento. “Mamãe já aprendeu com a menina que criou ela. Mamãe já foi ensinando a gente filha, e a gente aprendeu”.²⁴

Percebe-se que Dona Anália estava cercada de elementos para conhecer as práticas de benzimento. Fato semelhante ocorreu com Dona Maria que desde criança aprendeu essa prática de cura com os ensinamentos de sua mãe. “Desde pequena que eu rezo, de garotinha, mamãe me ensinando e eu aprendendo”.²⁵

Nessa narrativa fica evidente uma preocupação em transmitir seus conhecimentos, visto que segundo elas, essa prática é cada vez menos comum, pois falta quem se interesse pela continuidade dessa tradição. “As pessoas não se interessam, só tão confiando no médico”.²⁶

Na pesquisa com as benzedeiras, o trabalho oral proporcionou vislumbrar, além das histórias de vida, as representações, o sincretismo, o simbolismo e as peculiaridades atribuídas por elas mesmas à sua prática ao longo do tempo. Diante disso, Conceição aponta que:

A fala possui dupla funcionalidade nas benzeções, na qual pode ser referenciada como metodologia necessária para compreender as práticas de cura, bem como principal responsável em resguardar receituários e benzeções para as gerações futuras, pois assegura sua propagação (CONCEIÇÃO, 2015, p.75).

Pode-se dizer que nas narrativas de todas as benzedeiras entrevistadas, a palavra que surge com maior frequência é "dom", empregada com diferentes atribuições, que relacionam esse termo a inúmeros significados. Todas elas sentem-se presenteadas ou agraciadas com o dom que receberam, podendo esse processo ter ocorrido de maneira inata para algumas delas, enquanto que para as demais chegou a ser desenvolvido a partir dos ensinamentos que lhes foram transmitidos por outras benzedeiras. Sentem-se como se houvessem recebido um presente de Deus, algo muito sagrado que, como devotas de santos e santas, devem respeitar.

O aprendizado deste ofício relaciona-se também a questão cultural e a fé. Durante as entrevistas, foi possível perceber que o aprendizado do ofício está ligado ao dom, à oralidade

²⁴ Entrevista realizada com Dona Anália em 09 de novembro de 2014

²⁵ Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

²⁶ Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

como forma de repasse do saber e ao exemplo de benzedadeiras mais velhas da localidade. “Eu mesmo quando me entendi, minha vó já rezava, minha bisavó, todo mundo já rezava. Aí eu também pegava as palavras que ela ia fazendo e eu queria e fazia também”.²⁷

Este saber aprendido na maioria das vezes na escola da vida possibilita às pessoas simples ocuparem um lugar de destaque diante de seus conterrâneos, que as procuram sempre que necessitam de seus conhecimentos.

Nas narrativas das benzedadeiras foi possível perceber que as benzeduras podem acontecer todos os dias, como afirma Dona Aldeny: “Eu rezo qualquer dia e qualquer hora”.²⁸ E para outros, com exceção da sexta-feira, como ressalta Dona Elenita: “Eu costume não rezar na sexta-feira. É uma coisa que botei na cabeça, eu não gosto de rezar sexta-feira”.²⁹

Vale ressaltar, que as práticas de benzimento dessas mulheres não são direcionadas apenas para proporcionar o bem estar de pessoas, mas também podem intervir nas plantações e nas doenças de animais, como afirma Dona Aldeny: “Já rezei porco, cachorro. Já rezei planta”.³⁰ Com isso elas se tornam essenciais à sobrevivência das pessoas da comunidade. Outro fator é a carência que a maior parte da população rural tem em relação à assistência médica, uma realidade do Distrito de Salgadália, onde as fichas para o atendimento no posto de saúde local são distribuídas apenas em um dia da semana, o que dificulta o atendimento caso alguém precise de uma consulta médica nos demais dias da semana.

Nessa perspectiva, as benzedadeiras são essenciais para a saúde dessa população, tanto pelo fato de proximidade e confiança nessas agentes de cura, quanto por questões econômicas e até por carências nos serviços de saúde que não devem ser descartadas. Geralmente, as benzedadeiras não escolhem tipos de situações nas quais devem intervir, sendo prestativas sempre que solicitadas. Essas qualidades, dentre outras, são responsáveis pela legitimação e “eficácia” dessas agentes de cura e, também, fazem com que tenham credibilidade perante a comunidade em que vivem.

1.3 “Nem eu mesmo sei como aprendi. Foi um dom que Deus me deu e eu aceitei”

Diante das observações realizadas durante as entrevistas, percebemos que a grande maioria das benzedadeiras relata que a percepção inicial do dom ocorreu basicamente de duas

²⁷ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

²⁸ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

²⁹ Entrevista realizada com Dona Elenita em 19 de abril de 2015

³⁰ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

maneiras: por meio de um aprendizado, uma herança de família ou mediante uma situação difícil que viveu.

No primeiro caso, o dom de benzer foi adquirido por hereditariedade, ou seja, o poder de benzer e de preparar remédios com ervas são frutos de um ensinamento transmitido por um membro da família. Já no segundo caso, o processo de aprendizagem é atribuído, basicamente, a uma “entidade sobrenatural”.

Eu percebi quando eu passei por uma situação difícil na minha vida, aí que eu descobri o meu dom, o dom que eu tinha que é de rezar e ajudar as pessoas. Eu não aprendi com ninguém, foi um dom mesmo que desenvolvi sozinha.³¹

Essa percepção do dom, vem juntamente com a certeza de que haviam sido escolhidas por Deus para propiciar a cura e levar conforto a quem precisasse. Quando alguém da comunidade necessita, elas oferecem seus préstimos, mantendo viva a concepção de que a benzedura é um dom gratuito de Deus, uma missão. Portanto, devem ajudar a seus semelhantes quando necessitam. Assim, como observou em seus estudos Elda Rizzo de Oliveira, “quando indagamos a uma benzedeira como começou a benzer, ela vai narrar uma longa e detalhada história, onde mescla símbolos reais com mitos, para explicar que é possuidora de um dom” (OLIVEIRA, 1985 p.33).

Após a descoberta do dom, há outro fator determinante que contribui para as práticas de benzedura: o reconhecimento das demais pessoas da comunidade como receptoras desses conhecimentos. Para Mary Douglas (1990, p. 88), o poder de um ritual está na confiança que nele se deposita. Só existem benzedores porque há uma comunidade (ou uma parte dela) que os acolhe e legitima, compartilhando ações que visam à cura e a bênção. Sobre esta questão Elda Rizzo Oliveira diz o seguinte:

Não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atua, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são mais chegadas compartilhem com ela desse momento tão singular (OLIVEIRA, 1985, p. 39).

Nesta perspectiva, o ofício e propagação da benzedura se concretizam na relação que esta estabelece com as pessoas que lhe são próximas, permitindo que essa prática de cura não se perca, pelo contrário, se espalhe pela comunidade.

Ao descrever as práticas mágicas e seus efeitos, Lévi- Strauss diz que a sua eficácia está ligada a crenças, as quais apresentam sob três aspectos complementares:

³¹ Entrevista realizada com Dona Elenita em 19 de abril de 2015

A crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 194).

Através das entrevistas e dos relatos orais, podemos constatar que há semelhanças e diferenças que envolvem a transmissão do ofício de benzedor, o que faz concluir que esta não é uma prática padronizada e cristalizada em suas diversas manifestações. O que também merece destaque é que até mesmo os que dizem receber o dom de uma entidade divina, possuíam em suas famílias membros que eram benzedores, indicando um repasse involuntário entre as gerações, através dos gestos e falas repetidas, visualizadas e praticadas.

CAPÍTULO II – O ATO DE BENZER: PRÁTICA DE CURA

A benzedura é uma prática religiosa presente em todo o território nacional, auxiliando na cura e tratamento de várias doenças. Essa prática é realizada desde um período em que o contato com a medicina era raro, sendo praticada nos dias atuais em várias regiões brasileiras. Nesta perspectiva, percebemos que esse ofício foi desenvolvido por uma tradição de família repassada via oral e também por um olhar curioso, observando aquele que benze, ou mesmo, nasceu da vontade de curar aquele que precisava de ajuda.

Em Salgadália, distrito de Conceição do Coité, houve um período de vacinação onde se buscava o reconhecimento da medicina oficial, visto que esta deveria ser considerada o único método eficaz de cura, desprezando-se assim, as práticas de benzimento muito utilizada pela comunidade. Dona Aldeny relata sobre o período: “Teve uma época que morreu muitos meninos, eu acredito que foi por causa da vacina, mais eu não sei e nessa época o povo rezava muito e deve ter sobrevivido muitos, não fui eu que rezei, mais foi as pessoas mais velhas que rezaram.”³²

Percebe-se na fala de Dona Aldeny uma desconfiança em relação a medicina científica, a qual ela culpa pela morte de várias crianças, destacando a cura através da reza.

Para a realização deste trabalho, foram entrevistadas cinco benzedadeiras residentes no Distrito de Salgadália, objetivando perceber suas representações relativas àquelas práticas, ou seja, seus modos de percebê-las e valorizá-las, conforme por elas descritos.

As entrevistas destacaram o ano de 1990 um período de seca na região, onde várias crianças tiveram diarreia, sendo levadas para serem rezadas pelas benzedadeiras. Neste período houve uma grande procura das agentes de cura, para solucionarem a doença que estava atingindo as crianças da comunidade. Durante esse período morreram várias crianças e tantas outras sobreviveram, segundo as benzedadeiras curadas com rezas e chás de ervas naturais. “Foi em noventa. Sobreviveu muitas crianças com reza, rezando com as árvores do mato, que Deus criou da natureza. Aqui todo ano dá este negócio, mas bebe chá com fé em Deus e fica bom. O chá, qualquer folhinha fica bom.”³³

A benzedeira Dona Maria, justifica sua atividade na ausência da medicina. Ela afirma ter um longo período de atuação e conta que antigamente não tinha Doutor, e que mesmo assim, as pessoas viviam muitos anos. “Eu fui muito procurada, agora é pouco, e assim

³² Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

³³ Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

mesmo ainda chega as meninas com os filhos doente de olhado e de vento, do quebranto e eu rezo. Toda vida os mais velhos vivia cento e tantos anos, como minha bisavó, sem ter que ir no médico.”³⁴ Nesta afirmação pode-se perceber como ela talvez busque uma justificativa para suas práticas de cura.

As benzedeiras são vistas pela comunidade como pessoas que fazem o bem sem receber “nenhum” pagamento, já que recebem gratificações por parte das pessoas rezadas. As benzedeiras por sua vez, afirmam que ao cobrarem por suas rezas seria como comercializar a palavra de Deus, como ressalta Dona Izabel: “E graças a Deus tem pessoas que me agradam, eu não quero nada e eles me agradam, graças a Deus ficam são”.³⁵

Ao contrário do que ocorre em Salgadália, em Santo Antônio de Jesus alguns rezadores cobram por seus serviços, como abordou o historiador Denílson Santos, não significava que o rezador se configurasse num “charlatão”. Alguns trabalhos como, por exemplo, “limpeza de corpo, um arreio de ebó ou qualquer outro procedimento mais complexo” exigiam a compra de materiais de custo elevado para a realização da cura, o que tornava necessária a cobrança do serviço” (SANTOS, 2005, p. 111).

Em suas narrativas, as benzedeiras recorrem à crença “Deus é quem cura!”. Esta é uma importante justificativa para a gratuidade dos serviços oferecidos. Tal questão é similar ao que acontece em outras comunidades rurais como no Maracujá, área rural caracterizada por uma população negra e com rastros da cultura afro-brasileira (SILVA, 2013). Mas vale ressaltar que mesmo estas benzedeiras sejam vistas como pessoas de “bem”, muitas pessoas desprezam este ofício questionando tal ritual como “feitiçaria”, como relata Dona Izabel: “Eu tenho nome de feiticeira aqui, eu já fui até na delegacia, me denunciaram dizendo que eu fiz feitiço”.

36

O que podemos perceber na fala de Dona Izabel é o preconceito que muitas pessoas têm contra essas agentes de cura, associando-as com práticas de “feitiçaria”. Mas apesar do olhar discriminador de certas pessoas da sociedade, nos depoimentos das entrevistadas encontramos relatos de situações em que sujeitos das diversas camadas sociais, inclusive médicos recorrem a prática da benzedura. A benzedeira Dona Izabel, afirma ter atendido várias vezes uma profissional ligada à área da saúde. “Eu já rezei uma médica de Salvador, eu ia direto pra lá. Ela mandava o dinheiro da passagem e eu ia lá e rezava ela, direto, toda

³⁴ Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

³⁵ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

³⁶ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

quarta-feira eu pegava ia lá em Salvador, rezava ela e ela me pagava, pagava não me dava um agrado.”³⁷

Sua fala se propõe a indicar uma situação nova, na qual membro de uma elite, ou profissional com ensino superior busca respostas apelando ao saber popular. O médico tanto procurava a benzedeira para receber a benzedura, quanto aconselhava pacientes a procurar uma benzedeira. “Teve um médico que mandou a mulher que estava lá com um menino internado, levar para rezar. Ela trouxe o menino pra rezar e o menino ficou bonzinho, e eu disse a ela que ele tinha muito olhado, e tinha mesmo, o olhado estava nas tripas.”³⁸

Este depoimento possibilita a análise das relações que são estabelecidas na atualidade entre medicina e o benzimento. Quanto aos rituais realizados por essas benzedeiras, as orações e os gestos por elas praticados, são semelhantes às orações da Igreja Católica, praticamente todos os rituais de benzeduras fazem o sinal da cruz, oração do *Pai Nosso* e da *Ave Maria*.

2.1 - A fé como elemento central no ritual de benzeção

As práticas de benzimento são atos de fé, onde se procuraria primeiro os serviços da benzedeira para depois, se necessário, recorrer aos cuidados médicos. Prática esta condizente com a tradição cultural da comunidade, advinda e passada pelos seus ancestrais. Como relata Dona Maria José: “Eu levo minha filha primeiro pra ser rezada. Porque eu acredito que elas (benzedeiras) podem resolver e não precisar levar no médico”³⁹

Durante a benzedura, o cliente deve obedecer algumas regras para garantir a eficácia, não cruzando os braços ou as pernas durante o ritual, e assim, evitar o fechamento do corpo para o recebimento da graça. Para as benzeções de “cobreiro”⁴⁰ o doente também participa do ritual feito com uma faca e talos de mamona. A benzedeira corta o talo e pergunta ao cliente: “o que eu corto?” o doente responde: “o cobreiro bravo”. A pergunta é feita três vezes e para finalizar rezar-se o *Pai Nosso* e a *Ave Maria*, e colocam-se os talos para secarem. Acredita-se que quando isso ocorre realiza-se a cura.

³⁷ Entrevista realizada em 03 de novembro de 2014

³⁸ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

³⁹ Entrevista realizada com Dona Maria José em 24 de agosto de 2015

⁴⁰ Cobreiro é uma doença na pele.

Em suas narrativas, as benzedeiras sempre afirmam que a fé é a garantia da eficácia, tanto por parte de quem reza, quanto de quem é rezado. E isso fica explícito na fala de Dona Anália: “O povo diz que se sente bem e se sente bem daquilo e as palavras de Deus vale mesmo. A gente reza com aquela fé rezando aquela pessoa, e a pessoa também recebe com fé”.⁴¹

Segundo as benzedeiras, a eficácia da oração faz com que a prática de benzimento sobreviva neste universo, substituindo o atendimento médico. Fato destacado por Dona Maria que aos 88 anos de idade, afirma nunca ter feito um preventivo e que teve seus filhos em casa com auxílio de parteira.

Eu fui no médico porque diz que a pressão subiu, eu não acredito ne pressão, pressão pra mim é de panela, médico mente. Eu acredito no médico a parte que sabe fazer uma cirurgia, uma coisa assim aí eu vou, porque teve o saber de fazer aquilo. Mas eu não gosto de médico.⁴²

Em sua fala, Dona Maria deixa explícito preconceito e desconfiança com relação a medicina. Também é interessante pensar o sentido da frase “Eu acredito no médico a parte que sabe fazer uma cirurgia, uma coisa assim, aí eu vou”, essa frase indica que a procura do médico é a última opção do doente, ou seja, quando todos os métodos de cura já foram empregados. Sampaio relata essa questão ao analisar as cartas escritas pelos pacientes como naquela do Sr. Faria:

Invariavelmente, o tom das cartas indica que as pessoas tentavam tudo, faziam o máximo que pudessem para não ser obrigados a recorrer aos médicos: O Sr. Faria, por exemplo, sofreu “catorze anos”, sempre hesitando em sujeitar-se aos tratamentos de um renomado cirurgião (SAMPAIO, 2001, p.68).

Neste contexto, fica evidente a situação vivida em Salgadália, onde alguns moradores são conhecedores de saberes médicos e procuram utilizar todas as alternativas de cura que conhecem para curar doenças e assim, evitar procurar a medicina oficial. Levando em consideração como as benzedeiras adquirem o “dom” do benzimento e de como ele pode ser transmitido, nota-se que todas as entrevistadas adquiriram através de herança familiar, podendo ser transmitido a qualquer pessoa que tenha interesse em aprender, e segundo elas tenha fé na reza. Tal questão é similar ao que acontece em outras localidades, como em Vera Cruz (SP), local caracterizado por uma forte tendência na qual prevalece o senso comum e o pensamento mítico, com a presença de vários benzedores no passado e no presente (CRUZ, 1998).

⁴¹ Entrevista realizada com Dona Anália em 09 de novembro de 2014

⁴² Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

Uma curiosidade que me fez questionar, foi o modo de rezar em voz baixa, pois todas as benzedeiras entrevistadas não rezam para que outras pessoas escutem e segundo elas seus antepassados também rezavam em voz baixa, mas destacaram que as vezes é preciso que o doente escute a reza para repeti-la. As justificativas com relação a esse questionamento foram diversas, sendo que uma diz que é para se concentrar, outra diz que é para o cliente crer na reza e caso ele escute pode não acreditar. Já a outra entrevistada diz que é para evitar que ao ouvir a oração o cliente possa “falsear”. Segundo as mesmas, isso não impede que outras pessoas aprendam este ofício, pois quem tiver o interesse em aprender elas ensinam.

Para estas mulheres as pessoas não aprendem a rezar por falta de interesse. Qualquer um que queira e tenha fé pode rezar. Neste sentido, o dom resulta na iniciação da prática de benzeção e sua confirmação a cada ritual realizado viabiliza a continuidade do ofício de rezar.

2.2- Cura que não vem da medicina e vem da reza

Há nas orações realizadas durante a benzedura referência aos Santos. Há uma crença na comunidade da existência de males que só as benzedeiras sabem lidar, onde, mesmo na procura pela medicina oficial, tem em vista que procurar as benzedeiras é um passo fundamental para o tratamento e a eventual cura. As benzedeiras afirmam que alguns dos males curados por elas, não são doenças presentes no campo da medicina acadêmica. São recorrentes às benzedeiras para “mau-olhado”, “espinhela caída”, “quebrante”, “vento-virado” e “cobreiro”. As benzedeiras se orgulham por poderem resolver problemas que, segundo elas, a ciência médica não diagnostica.

Leide minha filha, eu levei ela pra Serrinha foi morta, quando cheguei lá o médico disse que a menina não escapava. Ela tinha anemia profunda, aí eu pronto, eu vim pra casa desanimada, quando encontrei Dona Menininha conversei com ela, e ela disse pra levar minha filha pra rezar. Ela rezou de olhado nas tripas, mandou eu dar um banho de vassourinha e dar pra ela beber, e tirar o leite do peito e dar pra ela beber. Foi o remédio, e já tinha desenganado e ela ficou boa, eu já sair pra rezar com fé⁴³.

As benzedeiras ressaltaram que para qualquer mal elas estão dispostas a realizar a benzedura. Afirmam que existem males que julgam ser de interferência direta da benzedura, ou seja, que a medicina científica não pode resolver. Fato destacado por Dona Aldeny “Eu acho que tem doença que a benzedura é melhor que o médico⁴⁴.” Dona Maria, também

⁴³ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

⁴⁴ Entrevista realizada com Dona Aldeny em 24 de agosto de 2015

relata um acontecimento em que a cura veio através do benzimento ao invés da medicina oficial.

Eu sou testemunha, minha mãe contava que eu fui uma delas que ia pro médico já levando a vela e passou por um adivinho, esse homem era adivinhão. Mamãe me contava que batia o dedo nos meus olhos e tava duro e este quem me curou. Quando mamãe saiu de lá, já saiu comigo beleza e eu tô aqui.⁴⁵

Na fala de Dona Maria, fica claro o orgulho que tem desse ofício e a desconfiança com relação à medicina científica. A maior parte dos relatos em que houve a cura envolve crianças, principalmente nos sintomas mais comuns que as atingem: “vento virado”, “quebranto ou mau olhar”. Segundo as benzedadeiras isso ocorre porque alguém “colocou um olho ruim sobre a criança”, e solução é levar a criança para ser benzida.

Segundo as benzedadeiras durante a benzedura é possível perceber a intensidade do mau olhar através dos ramos verdes, o qual são utilizados para realizar a reza. Elas afirmam que quanto mais murcho ficar os ramos, demonstra que há um mau olhar muito grande na criança. Dona Izabel relata que costuma rezar muitas crianças de “espremedeira” e que possui em sua residência mais de 500 fraldas que as mesmas usavam durante o benzimento e que segundo ela, as mães preferem deixá-las para que as crianças não voltem a usa-las.

Eu tenho sabe quantas fraldas aí, pra quem quiser ver? Quinhentas fraldas de criança, fora as que depois eu não contei mais. Somente de criança pequena, as mães que deixam que não querem levar pra não botar no menino, eu vou guardando, aí hoje eu tenho um bocado de fraldas.⁴⁶

Elas destacam que para esse tipo de doença apenas as benzedadeiras são procuradas e não os médicos, pois acreditam que esses males apenas elas conseguem identificar e curar. Durante as entrevistas percebemos que o desengano médico, faz o doente buscar a cura milagrosa, e assim, aderir a benzedeira esse feito milagroso, uma vez que sua primeira tentativa foi recorrer a medicina oficial. Tendo a cura alcançada, elas justificam, afirmando que foi Deus quem curou e que graças a fé tanto de quem reza quanto de quem foi rezado que a cura aconteceu.

É importante destacar, que nem todos da comunidade acreditam na eficácia do benzimento. A crença de que esse tipo de prática de cura tenha qualquer efeito na saúde de alguém é alvo de desdém de boa parte da comunidade, principalmente entre os evangélicos. Em entrevista realizada com o senhor Evódio, 40 anos de idade, filho de benzedeira, que

⁴⁵ Entrevista realizada com Dona Maria em 09 de novembro de 2014

⁴⁶ Entrevista realizada com Dona Izabel em 03 de novembro de 2014

passou sua infância e adolescência sendo rezado por sua mãe e tias, diz que não acredita que a reza possa curar.

Eu não acredito que a reza cure as pessoas não. Porque a reza é focada em uma coisa rotineira, por exemplo, quem reza sempre reza daquela mesma forma, mesma oração repetida. Aí quando a bíblia fala sobre isso, é rezar ou orar, fala sobre não repetir as rezas, então não há uma prova clara pela bíblia de que reza cura. Porque ela é uma coisa repetida e está contra a vontade de Deus, pra mim reza não cura.⁴⁷

Ao analisar a fala do senhor Evódio, fica evidente que a sua opinião está ligada ao fato de que sua religião condena esse tipo de prática, já que durante uma etapa de sua vida ele foi rezado e acreditava na cura através do benzimento e apenas deixou de acreditar ao entrar para a religião evangélica. Fato confirmado por ele:

Antes de eu ser evangélico já fui rezado, eu acreditava que acontecia, que era correto, que era certo. Eu fui rezado, no entanto, a gente pode analisar, eu analisando e outras pessoas que se rezam podem até analisar essa reza, ela não surte um efeito sem que haja outra coisa, por exemplo, um chá. Sempre alguém reza mas dá um chá. E quem garante que a reza curou? Ninguém, porque a reza na verdade, não tem esse efeito de curar, mas o chá já é algo deixado por Deus, pode fazer uma cura.⁴⁸

Percebe-se que há uma resistência e até um certo preconceito em relação a prática de cura através do benzimento, onde muitos acreditam ser algo falso sem efeito algum na solução de males do corpo.

⁴⁷ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

⁴⁸ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

CAPÍTULO III – EMBATE ENTRE OS CRISTÃOS E A PRÁTICA DA BENZEDURA

Quando tratamos das práticas de fé, não podemos deixar de falar de como diferentes religiões lidam com as mesmas. A prática de benzedura tomada como missão pelas benzedadeiras, nem sempre é interpretada de maneira positiva por membros de diferentes religiões, principalmente entre os evangélicos, que consideram essa prática de cura como um pecado, especialmente pelo fato delas relatarem que benzem em nome de Deus.

Para o senhor Evódio, essas mulheres ao utilizarem o nome de Deus em suas práticas, estão blasfemando e diz que considera isso um pecado.

Considero como um pecado, que estão blasfemando o nome de Deus e colocam lá como se fosse uma fé genuína em Deus, quando sua fé está voltada para uma reza repetida. É uma blasfêmia contra Deus, ou seja, elas estão colocando o nome de Deus, quanto que a palavra de Deus já disse que não é pra tomar o nome de Deus em vão. Na oração do Pai Nosso mesmo, todo mundo conhece e essas pessoas que rezam sabe, que no próprio Pai Nosso e nos dez mandamentos diz, pra não tomar o nome de Deus em vão, que quando se usa o nome de Deus, na verdade estão equivocadas, porque não estão atribuindo toda a sua fé ou sua crença em Deus. Existe por trás de Deus, existe Ave Maria, existe outros santos que elas acreditam, como: Santa Luzia e muitos outros e que denominam assim, e que são na verdade ídolos que não tem nenhum poder pra fazer um milagre acontecer.⁴⁹

A partir da narrativa do senhor Evódio, é possível perceber que sua crítica está relacionada principalmente, ao fato destas benzedadeiras acreditarem em santos e adorar imagens, ações não permitidas na religião evangélica, especialmente na Assembleia de Deus, da qual o senhor Evódio participa.

Quando indagado sobre a quem recorre quando está enfermo, o senhor Evódio relatou que primeiramente recorre a Deus e posteriormente o médico. Segundo ele, o médico é apenas um instrumento de Deus.

Quando estão com uma enfermidade, a gente utiliza uma oração, oramos à Deus para que ele possa fazer um milagre, sem precisar de ramos ou de outros símbolos que outras entidades tem. Nós esperamos somente à Deus, confiamos somente em Deus, que ele faça o milagre. Oramos e entregamos a Deus. Mesmo que nós venhamos a procurar um médico, mas a nossa confiança primeiro foi entregue a Deus e entrega a Deus pra que ele possa realizar. Se usar o médico até mesmo quem passa por uma cirurgia, ou por um remédio que venha do médico, a nossa confiança é voltada pra Deus, porque Deus vai usar ele ou ela, o médico pra que ele possa fazer uma obra, um trabalho, uma cirurgia, ou posse um remédio que venha surtir um efeito.⁵⁰

Para os assembleianos, tudo o que acontece, só é possível se for da vontade de Deus, até o conhecimento científico só tem valia se acreditar que Deus pode intervir através do

⁴⁹ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

⁵⁰ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

médico e se for da vontade dele que algo seja curado ou alcançado. Para justificar sua fala, o senhor Evódio utiliza trechos bíblicos.

A própria Bíblia diz, que em vão trabalhariam os sentinelas e os guardas, se Deus não tivesse guardando as cidades, e também como os edificadores em vão trabalhariam, os edificadores que constroem casas, se Deus não estivesse edificando, ou seja, segurando, sustentando, então prédios e prédios iam cair, as cidades iam ser arrombadas e roubadas, se Deus não estivesse guardando. Então, tudo o que acontece, ocorre com a permissão de Deus, e por causa do pecado do homem, que tem muitas coisas ruins que acontece, porque o homem erra, então por causa disso que vem acontecendo as coisas ruins pra poder eles reconhecer.⁵¹

Nesse sentido, para os assembleianos, quem proporciona a cura é Deus e que nada acontece se não tiver sua permissão. E ressalta que se algo de errado acontecer foi por causa do pecado do homem. Sobre isso, Maria Izabel da Silva Sampaio, em seu texto: “Representação do Processo Saúde-Doença entre os Pentecostais da Assembleia de Deus em Feira de Santana”, diz:

A orientação geral nas congregações da AD é de que o cristão tem que unir a ciência com a fé, sem contudo se esquecer da primazia de Deus na condução de suas existências. [...] Portanto, não é aconselhável buscar a medicina antes de buscar a Deus através da oração, se for revelado que o crente deve ir ao médico, então ele deve ir, mas antes de qualquer atitude ele tem por obrigação buscar a Deus (SAMPAIO, 2003, p. 83).

Vale ressaltar, que o fato deles afirmarem que quem realiza a cura é Deus, se assemelha aos relatos de todas as benzedadeiras entrevistadas, que também afirmam que Deus é quem cura as pessoas benzidas por elas. Entretanto, apesar das semelhanças, os evangélicos tentam justificar através da Bíblia, que suas atitudes são corretas enquanto que as práticas realizadas pelas benzedadeiras são incorretas e pecaminosas. Como relata o senhor Evódio.

Quando a pessoa passa a conhecer a Bíblia, ou seja, tem uma religião voltada, focada nas escrituras sagradas, então essa pessoa passa a ser conhecedor da verdade e a própria bíblia diz: conheces a verdade e a verdade vos libertará. Então quando passa a conhecer a verdade que é a palavra de Deus, automaticamente essa pessoa vai mudar sua visão, seu pensamento, sua maneira de ser com relação a isso aí, a reza. Até mesmo as pessoas que rezam, ao conhecer a verdade verdadeiramente, devem deixar de lado, não fazer mais isso, não exercer mais essa função e sabe que é errado, que deve sim, pedir a Deus, orar ao senhor e não repetir uma reza.⁵²

Nessa fala, fica evidente que para os evangélicos, as pessoas que realizam a benzedura não conhecem a Bíblia, portanto não sabem que o que estão fazendo é pecado. E que ao se converter na religião evangélica, conheceram a verdade e abandonaram essa prática de cura considerada por eles como algo errado e não aceito por Deus. O senhor Evódio destaca outra

⁵¹ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

⁵² Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

diferença em relação as orações feitas pelos membros da Assembleia de Deus e as realizadas pelas benzedadeiras, evidenciando que eles nunca repetem a oração, ao contrário das benzedadeiras que repetem sempre a mesma oração.

Nunca é a mesma, palavras não são repetidas, porque não usamos uma oração repetida, uma reza que é a mesma oração repetida. A bíblia diz pra não repetir e nós usamos sempre palavras, conversamos com Deus, a oração do cristão religioso na verdade é um diálogo com Deus, pra pedir ele vai expor pra Deus o seu problema e vai pedir a solução do seu problema, através daquilo que ele está sentindo, ou que ele está passando, sem repetir uma reza e que vai apenas afrontar a Deus e isso não vai fazer com que Deus sinta misericórdia e tenha misericórdia dele e possa curar. Na minha religião, não usamos esse tipo de reza, porque sabemos que ela não pode curar as pessoas.⁵³

A partir dessa narrativa, percebemos que mais uma vez, a religião e a Bíblia são utilizadas para justificar a condenação da prática de benzedura. Nessa mesma linha de pensamento, Dona Maria Borges, missionária da Igreja Batista, relata que antes de se converter ao evangelho, realizava a prática de benzedura que seu avô ensinou.

Quando eu tinha 17 anos, o meu avô, ele era benzedor e um determinado momento ele disse que ia me ensinar e ele disse: “essa minha neta quando vocês precisarem, podem procurar”. E as pessoas criam, e que pelo fato de eu ter aprendido com meu avô faria todo o efeito e algumas pessoas ficavam aliviadas, se sentiam bem, porque a fé deles diziam que se eu rezasse eles iriam ficar bem. Algumas pessoas se sentiam melhores, muito embora eu tinha fé suficiente pra isso, mas eles acreditavam que pelo fato de eu ter aprendido com meu avô ia fazer efeito, a fé deles resolviam o problema. Eu não tinha nenhum ensinamento contrário, eu aprendi com o meu avô e fui praticando, nunca ninguém me disse que essa prática não era correta. Houve muito engano, as pessoas não conheceram de fato o poder libertador, um Deus que te liberta, eles acreditavam no poder da reza. A fé deles funcionava.⁵⁴

Nesse sentido, Dona Maria Borges tenta justificar que só praticava porque não conhecia a palavra de Deus. Nota-se o quanto que a conversão influencia ao abandono de determinadas práticas e como as mesmas que antes era considerado correto, passa ser visto como algo incorreto e do mal.

Pois rejeição não significa descrença e indiferença aos antigos credos – candomblé, umbanda e kardecismo – mas uma redefinição da natureza desses fenômenos, vistos agora com “sinal trocado”: o que era considerado positivo e bom passa a ser negativo e mau; o que era considerado uma dádiva dos deuses ou dos guias espirituais passa a ser visto como obra do demônio e sua legião (CAMURÇA, 2009, p.180).

⁵³ Entrevista realizada com o senhor Evódio em 03 de dezembro de 2014

⁵⁴ Entrevista realizada com Dona Maria Borges em 12 de setembro de 2016

As benzedadeiras são acusadas de promover curas em nome do demônio para enganar as pessoas e conseqüentemente, afasta-las da salvação, como relata o pastor da Assembleia de Deus.

A fé no diabo cura, impressionante. Mas a fé que todo homem recebe, a fé natural, agora existe uma fé espiritual, a fé sobrenatural que essa fé é dada por Deus. Eu já falei que o diabo cura, mas é pra enganar a pessoa e mantê-la presa a ele, satanás também opera milagres, mas são milagres enganosos, de forma limitada para que aquela pessoa passe a creditar e fique escravo. E outra coisa, quando ele fica escravo, satanás está de olho na alma dele, porque ele vai morrer na incredulidade enganado e quando ele perecer, aí agora ele vai tomar um choque muito grande, porque quando ele abrir os olhos na eternidade vai saber que ele foi enganado pelo maligno e agora não tem mais chance de consertar a burrada que ele deu deixando de crê naquele que é todo poderoso doador da vida. Essa é a realidade.⁵⁵

Em sua narrativa, o pastor, define a fé como algo inato à pessoa e faz uma diferenciação entre a fé que todo homem possui e a fé sobrenatural, evidenciando que para obter a salvação, ou seja, aquele que deseja ir para o céu, precisa se converter ao evangelho, deixando claro que condena aqueles que não seguem ao evangelho pregado em sua igreja. Edir Macedo em seu livro: “Orixás, Caboclos & Guias: deuses ou demônios?”, trata dessas questões e de como o diabo engana as pessoas.

Um demônio é uma personalidade; um espírito desejando se expressar, pois anda errante procurando corpo que possa possuir para, através deles, cumprir sua missão maligna. Orixás, caboclos e guias, na realidade, nunca fazem o bem em favor do seu “cavalo”. Exigem obediência irrestrita e ameaça de punição aquele que não estiver andando “na linha”(…). Com rituais, danças e oferendas, induz o ser humano a abrir sua vida às forças do inferno, de sorte que este fica escravo dos espíritos, pagando um preço incrivelmente alto pelos pequenos favores recebidos (MACEDO, 2004, p. 16).

É importante destacar, que as benzedadeiras em sua maioria declaram-se católicas, e salientarem que suas práticas são aceitas em suas religiões, entretanto, nem todos os católicos são a favor da prática de benzedura e assim como as demais religiões também condenam essas ações.

Como sou católico, eu particularmente não acredito nessas práticas de benzeção. Eu tenho receio daquela reza oculta que muitas benzedadeiras fazem. [...] Eu acho uma verdadeira superstição essa coisa de benzer, porque do mesmo modo que elas dizem que estão invocando espíritos bons, podem invocar espíritos maus, assim como no candomblé. É por isso que católico não deve acreditar nessas coisas. Porque estamos desviando o culto que prestamos a Deus em favor de outros espíritos que não conhecemos.⁵⁶

Nessa narrativa, percebemos que embora a benzedura seja aceita com mais facilidade entre os católicos, existem pessoas que condenam essa prática, acreditando que elas podem

⁵⁵ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de outubro de 2016

⁵⁶ Entrevista realizada com o senhor Jackson em 13 de setembro de 2016

ser usadas para fazer o mal aqueles que a procuram, e as caracterizam como práticas semelhantes ao candomblé, assim como as demais religiões citadas anteriormente.

O senhor Jackson ainda ressalta que a Igreja Católica diz que só podem benzer aqueles que receberam o sacramento e destaca que a sua igreja possui um documento que condena essa prática de cura.

A igreja diz que só pode benzer quem recebe o sacramento da ordem. Isso mim faz criar uma resistência a essas práticas. Na nossa igreja, existe um catecismo que é um documento que condena esse tipo de prática. Muitas dessas rezadeiras também fazem adivinhação, previsão do futuro que é bem relacionado aos terreiros de candomblé.⁵⁷

O documento ao qual o senhor Jackson se refere é o Catecismo, que segundo ele, demoniza as práticas ritualísticas realizadas pelas benzedadeiras e as classificam como “feiticeiras”. As explicações do *Catecismo da Igreja Católica* dizem que:

Todas as práticas de magia ou feitiçaria com as quais a pessoa pretende domesticar poderes ocultos para colocá-los a seu serviço e obter um poder sobrenatural sobre o próximo-mesmo que seja para proporcionar a este saúde – são gravemente contrários a virtude da religião. Essas práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas de uma intenção de prejudicar outrem, ou quando recorrem ou não a intervenção de demônios (CIC 2117).

Nesta fala, fica nítido que há uma confusão por parte tanto do senhor Jackson, quanto de outros entrevistados, e relação ao candomblé e a prática de feitiçaria, visto que, são práticas distintas, porém entendidas como se fossem sinônimos.

Neste sentido, a condenação das mulheres benzedadeiras também se dá na Igreja Católica, que, por sua vez, não reconhece como sendo legítima a prática e os rituais de benzimento. Sendo que, o fator primordial para a condenação da prática de benzedura está relacionada as suas semelhanças com o candomblé, prática vista por muitos como algo maligno, onde ocorreria a invocação de espíritos do mal para enganar aqueles que procuram por esse método de cura.

O benzimento ou benzer, na verdade são práticas culturais baseadas justamente em folclores, em tradições, mas todas essas crendices são resultados de heranças que nossos ancestrais trouxeram do país do continente africano. Porque o vodun e todas as religiões espiritualistas, são originadas da África.⁵⁸

Nesse sentido, ao tratar das questões religiosas, os praticantes das religiões de matriz africana; candomblé e umbanda especialmente, sofrem preconceitos por parte das religiões, considerando-os satânicos, fazendo associações dos Orixás a demônios, bem como denominando seus rituais religiosos de macumba.

⁵⁷ Entrevista realizada com o senhor Jackson em 13 de setembro de 2016

⁵⁸ Entrevista realizada com o senhor A.G.L em 12 de setembro de 2016

3.1- A Cura nos cultos evangélicos

O campo religioso brasileiro, caracterizado pela hegemonia do catolicismo, vêm sofrendo transformações ao longo do tempo. A superioridade católica começa a perder forças, visto que, o campo religioso tem sido cada vez mais plural, com o surgimento de novas denominações de igrejas, com destaque para as evangélicas que têm crescido de forma significativa.

Sobre esse processo de pluralidade Camurça diz:

No Brasil, a tendência à pluralidade religiosa se intensifica, segundo Machado e Mariz, com o advento do pentecostalismo nas décadas de 60-70 e do neopentecostalismo e do movimento carismático nos anos 80-90, que criam, para o fiel brasileiro, alternativas institucionais exclusivas em relação àquela inclusividade sincrética que se dava sob o manto do catolicismo tradicional (MACHADO; MUNIZ apud CAMURÇA, 2009, p.177).

Nesta perspectiva, o advento de novas denominações religiosas, viabilizou que as pessoas pudessem escolher que seguimento religioso iria aderir. Essa possibilidade de escolha, fez com que o campo religioso se tornasse um lugar de disputa e condenação da religião do “outro”.

A atitude de acusação e intolerância às demais religiões e religiosidades (afro-brasileiras, kardecismo, esoterismos), com a consequente rejeição a outras práticas religiosas fora do âmbito de seu credo, parece levar a clivagens e competições, inaugurando no cenário religioso brasileiro uma nova forma de convivência – distinta daquela tradicional dos “empréstimos mútuos” (...) (CAMURÇA, 2009, p. 178).

Daiane Freitas (2010) em seu artigo sobre a Assembleia de Deus faz uma análise no que tange o surgimento do Pentecostalismo.

Em meados de 1862 surgem às primeiras igrejas nascendo à primeira igreja presbiteriana do Brasil seguindo de núcleos metodistas em 1866 e dos Batistas em 1871, os protestantes históricos, como são chamados, são grupos vinculados diretamente à reforma que não cresceu tanto quanto o pentecostalismo, que só se inseriu em território brasileiro na primeira fase da década de XX. O pentecostalismo tem suas raízes nos Estados Unidos em 1906, que se deu através do advento de sete pessoas falando em línguas estranhas o pentecostalismo surge como um movimento de ênfase no Espírito Santo e no falar em línguas estranhas (glossolalia), sendo este um dos marcos do movimento pentecostal, o termo pentecostalismo vem de uma passagem bíblica que diz num dia de Pentecostes a páscoa judaica, o Espírito Santo desceu aos apóstolos e aconteceram milagres (Atos Cap. 2. Vers. 1). (FREITAS, 2010, p.10).

Muitas igrejas evangélicas também promovem curas em seus cultos, havendo, de certa forma uma disputa pelo poder religioso de curar, visto que estas igrejas atuam na mesma

localidade em que as benzedadeiras praticam seus rituais. Nos cultos evangélicos a cura está associada ao processo de conversão. Os evangélicos tendem a buscar cada vez mais adeptos para a sua igreja. Esse processo de conversão, muitas vezes está relacionada as trajetórias de vida de sofrimento ou dor, o que os levam a procurar a solução na religião. Esses problemas são apontados pelos fiéis como consequência de uma vida desprovida da presença de Deus, só podendo ser solucionados seguindo as normas da religião e na adoração a Deus.

Entretanto, os evangélicos buscam em seus discursos, diferenciar suas práticas de cura das demais.

A diferença é que quando nós conhecemos a verdade, quando nós conhecemos a palavra de Deus, a palavra de Deus nos mostra que tudo que nós pedimos ao pai em nome de Jesus, isso nos terá feito, então toda a oração do verdadeiro pai, então ela é feita a Deus por meio de Jesus, em nome de Jesus. Então há uma diferença muito grande entre crê em determinados outros deuses e apenas no Deus verdadeiro por meio de Jesus, há uma diferença sim. No meu tempo, quando eu fazia isso, determinadas rezas eram feitas com garrafas brancas, panos brancos, determinadas folhas, e em Cristo é diferente, é um pedido a Deus em nome de Jesus que é revelado.⁵⁹

Dona Maria destaca que a principal diferença entre a cura por meio das orações evangélicas e as rezas das benzedadeiras, a invocação a santos e a utilização de objetos, que são considerados diabólicos, ressaltando ainda que existe apenas um Deus verdadeiro. Tanto os membros da Assembleia de Deus, quanto os seguidores da Igreja Batista, condenam a adoração a imagens de santos.

Outro dia eu vi o padre Marcelo, repetindo Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo umas cem vezes tem de piedade de nós. Ai eu digo que só pode ser doido, não existe sentido nenhum, qualquer pessoa humana, carnal, limitada, sem nem muita inteligência, estou falando até de uma pessoa analfabeta, ou não tem como. Ou esse cara está doido, porque Deus não é surdo, o ouvido dele não está surdo para não poder ouvir e nem está tapado, mas as nossas iniquidade fazem divisão entre nós e Deus, as nossas fraquezas e os nossos pecados. Iniquidade é pecar consciente, sabendo que está errado, aí é pior do que o pecado comum, porque você tem conhecimento de causa, é um pecado grave. Então é pecado adorar santo, zelar, fazer repetição é pecado, é afrontar o dono da vida, é achar que aquilo ali é igual ao todo poderoso. Deus é espírito e os que o adoram, o adoram em espírito, você adora a Deus onde você estiver.⁶⁰

Nesta fala, podemos observar que para os evangélicos só Deus deles salva, enquanto que para as benzedadeiras não. Pois em suas rezas elas acreditam que os santos podem ajudar no processo e cura.

Os evangélicos, em sua maioria, condenam as outras manifestações de fé, principalmente quando estas estão presentes em rituais aparentemente católicos. Outra

⁵⁹ Entrevista realizada com Dona Maria Borges em 12 de setembro de 2016

⁶⁰ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

diferença que os evangélicos fazem questão de mencionar é a repetição de rezas realizadas pelas benzedeiças, que segundo eles a Bíblia condena. Vale ressaltar, que durante a entrevista, o pastor deu várias referências bíblicas sobre o que ele estava dizendo.

E aí você ver a escritura muito clara com relação a esse tipo de procedimento, cremos exclusivamente na Bíblia Sagrada, a palavra de Deus e não acreditamos, Jesus ensinou quando orares, oreis assim: Pai nosso que estas no céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, não é Santa Maria mãe de Deus. A única oração bíblica é toda oração deve ser direcionada ao pai celestial e finalizar em nome de Jesus. Jesus diz: “tudo quanto pedir ao meu pai, em meu nome eu o farei”.⁶¹

Os líderes buscam, por meio de recursos doutrinários religiosos, fazer com que a pessoa em sofrimento mude seu modo de perceber o mundo, e utilizam como referencial a Bíblia que segundo eles, esclarece que os ensinamentos contidos nela fortalece interiormente, promovendo curas, principalmente no campo moral e emocional.

Percebe-se uma tentativa de padronização de fé e estratégias de conversão a religião que consideram como a única verdadeira e capaz de salvar. No que diz respeito a cura de doenças, a orientação tanto na Igreja Batista, quanto na Assembleia de Deus é de que as pessoas devem procurar primeiro a Deus, para depois se necessário procurar um médico.

A medicina Deus foi quem estabeleceu para cuidar das enfermidades, agora, existem situações que a medicina não dar jeito e existem situações que não precisa você ir no médico. [...] o conhecimento empírico e também o conhecimento científico juntos fazem um grande trabalho e nós somos a favor da medicina sim. Eu já fiz uma cirurgia, minha esposa já fez, sem problemas.⁶²

Apesar de reconhecerem o valor da fé do indivíduo na busca por solução dos problemas de saúde eles também consideram o valor do tratamento com profissionais capacitados e reconhecem que há situações em que é necessário a intervenção médica. Nessa óptica, as práticas religiosas têm complementado as práticas médicas oficiais.

Os rituais de cura podem ser realizados por um conjunto de crentes em forma de correntes, assim o poder do pastor não é a única forma de alcançar graça. O desengano médico atua como um estimulador para se recorrer ao sobrenatural. A noção de desengano transmite uma ideia de que resta apenas recorrer a religião para solucionar o problema, pois acreditam que através da religião evangélica é oferecida uma nova possibilidade, pois lá, “tudo é possível”, basta crê em Deus.

Mas se orar, ter fé, a morte pode ser repreendida, como nós oramos aqui e pessoas foram curadas de câncer, o nosso irmão Neném, pai de Di da farmácia, estava desenganado da medicina e a gente fez campanha de oração em jejum, oramos por ele. E aí eu disse a ele faça o exame, não creia em médico, o exame está aqui

⁶¹ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

⁶² Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

positivo, faça novo exame e fez e estava negativo e está ai curado, sadio, não toma nenhum comprimido pra nada. Morreram duas irmãs aqui na igreja, morreu de infarto, a irmã Alzira de Vicente, deu um infarto e morreu, um infarto fulminante, se urinou toda e o povo no desespero e eu disse: Deus esta mulher está amigada a trinta anos, essa mulher precisa se batizar, pois tua palavra diz que aquele que não nascer de novo não pode ir para o reino dos céus. Essa mulher precisa se batizar e agora senhor? Ai o senhor disse: “repreenda a morte”. Então eu falei com Deus, Deus respondeu, oramos, repreendemos a morte, Elideide que é biomédica e Edisleide, pegaram nela e disseram com as lagrimas já descendo, sem chance, enfartou, aqui só UTI instantânea, mas em Coité não tem só em Feira de Santana, não tem tempo e não tem como, tem que ser aqui. Mas Jesus está aqui e vamos orar. Oramos, repreendemos a morte e ai ordenamos que o espírito de vida retornasse ao corpo, ela se esticou toda, esbugalhou os olhos, puxou o ar, gente correu de perto que se assustou, porque a médica tinha dito que morreu.⁶³

Nesse sentido, o desengano faz o doente buscar a cura milagrosa e, assim, aderir à igreja, uma vez que sua primeira tentativa foi recorrer à medicina oficial. O conhecimento científico dá lugar portanto, ao espiritual. A lógica de que Jesus é o médico dos médicos dá sentido ao poder do pastor, já que ele é um representante de Jesus e fala em nome deste. A obtenção da graça da cura está diretamente ligada à subordinação do fiel às normas e aos ensinamentos da igreja e dessa forma, o fiel tem a oportunidade do “novo nascimento”.

Nessa perspectiva, nota-se nas falas o empenho em estabelecer um diálogo, cujo objetivo é orientar para que as pessoas mudem o seu modo de enxergar a vida, as dificuldades que ela apresenta e busquem apoio nas religiões evangélicas. Entretanto, não se trata de ignorar ou acreditar que, a partir do momento que se estiver voltado para Deus, as dificuldades e as dores não aparecerão mais. O entendimento diz respeito à maneira pela qual a pessoa se dispõe a vivencia-las.

Mesmo tendo os evangélicos destacado diferenças entre suas práticas curativas das realizadas pelas benzedeiras, é possível notar algumas semelhanças, embora não aceita pelos assembleianos: é a crença de que existem males que a medicina não pode resolver. Fato relatado também pelas benzedeiras e destacado pelo pastor da Assembleia de Deus.

Nas falas os entrevistados constroem semelhanças entre as práticas da benzedura e o que consideram feitiçaria, esta semelhança estaria relacionada a conduta e aos elementos mágicos que ambos manipulam em seu cotidiano.

Já é uma feitiçaria em si. Existe a feitiçaria que é sacrifícios, existe a feitiçaria também nas orações, então em partes sim tem muito a ver. Porque objetos que são usados na feitiçaria, também em algumas rezas, as benzedeiras usam também. Por exemplo, arruda, quarana, são usadas na feitiçaria e são usadas nas benzeduras. Vassourinha, uma pequena folhinha que é usada pra benzer e que também é muito usada na feitiçaria.⁶⁴

⁶³ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

⁶⁴ Entrevista realizada com Dona Maria Borges em 12 de setembro de 2016

Quanto a diferença entre benzedor e curandeiro e feiticeiro, Loyola diz que:

A rezadeira é aquela mulher que, em seus rituais, usa somente as rezas do catolicismo, é caridosa, não roga praga, e frequenta a Igreja Católica, ou seja, limita-se a rezar e fazer cruzeiros na cabeça do cliente. Enquanto a curandeira e a feiticeira, se utiliza de trajes especiais, se vestem de gestos, usam implementos religiosos como cálices, garrafadas com cobras mergulhadas em álcool, velas acesas, rosários, santos (LOYOLA, 1984, p. 94).

Nessa perspectiva, as benzedoras geralmente são vistas pela maioria, como fazedoras do bem, principalmente por fazerem parte do catolicismo. Segundo Cristina Tramonte: “A fronteira entre os três grupos-benzedores, feiticeiros e curandeiros- é tão fugaz de fato, mesmo na conduta cotidiana, que estes chegam mesmo a confundir-se, mesclarem-se e influenciarem-se mutuamente desde seus primórdios (TRAMONTE, 1952, p. 287).

Cabral em seu livro: *Medicina Teológica e as Benzeduras*, caracteriza as benzedoras como:

[...] gente inofensiva, crédula e simples. Dão-se a essa prática exclusivamente por espírito filantrópico, aceitando pequenas ofertas e sinais de gratidão, sem exigir mais, ou melhor. Não tem preço e gratuitamente também se prestam a executá-las. Não conhecem qualquer processo de provocar malefícios e reagem fortemente a qualquer insinuação de rezar para provocar o mal. Não desejam ser confundidos com feiticeiros ou “macumbeiros”. Acreditam piamente na eficácia de seus métodos. Não temem a ação policial uma vez que nada administram ao paciente, nem outras coisas aconselham senão a confiança na sua benzedura [...] (CABRAL, 1958, p. 73).

Cabral, faz a separação entre benzedor, feiticeiro e curandeiro, destacando que o primeiro não representa nenhuma ameaça. Entretanto, essa distinção entre quem faz o “bem” e quem faz o “mal” vai além de suas atitudes e dos objetos utilizados em cada prática. É necessário entender o processo histórico em que se deu as religiões afro-brasileiras, para entender as especificidades de cada uma.

Sobre isto, Cristina Tramonte cita:

A especificidade de cada grupo – benzedor, feiticeiro, curandeiro, etc. – não justifica a construção de qualquer barreira moral entre eles, ao contrário, indicam a necessidade de abordagens que dimensionem devidamente a ativa presença cultural que representam. Não se trata, portanto, de uma questão moral, de seccionar aqueles que trabalham “para o bem” e “para o mal”. Trata-se de compreender a base cultural que lhes deu origem e as práticas diferenciadas que daí adviram cuja diversidade é exatamente sua riqueza. Se, em determinado momento histórico - particularmente até meados anos 60 do século XX, os estudos específicos apartaram as “benzeduras” da “feitiçaria”, estas de fato nunca estiveram separadas e, na realidade concreta, foram reprimidas e estigmatizadas. O que podemos detectar, isto sim, é que a repressão, principalmente a policial, intensificou-se quando se tratava das religiões afro-brasileiras, praticadas por negros, a princípio e depois também por brancos (TRAMONTE, 2001, p. 92).

Nesse sentido, as perseguições das práticas curativas, tanto de benzedadeiras, quanto o curandeirismo, se deram principalmente, por ambas envolverem a cultura afro. Isso fica evidente na fala do pastor da Assembleia de Deus.

Sem dúvidas, porque são originadas, por exemplo, no candomblé, você vai lá e eles vão utilizar plantas pra dar banho, inclusive fazer açoite, dar surra na pessoa, o flagelo tira a roupa e até murchar aquelas folhas, as vezes chega a machucar a pessoa. [...] até as características são similares, você pode identificar. Você pode ver que os mesmos artifícios, rosários, os mesmos, a cura pela natureza e pela fé. Fé em quem? Fé em que? Nos Oxóssi, nos Oguns, nos Orixás. E quem são os Orixás? Não é anjo de Deus, não é o Espírito Santo, não é o pai e nem o filho. Orixás são espíritos, são divindades da maldade que se camuflam como espírito do bem. Na umbanda ele passa como anjo de luz, e isso é chamado de sincretismo religioso, dizem que crê em Deus, mas na verdade se revelam como crenças ocultistas. “Curam”, geralmente quando a pessoa recebe uma graça dessa, a enfermidade é ocultada, mas no lugar daquela enfermidade aquela entidade passa a governar naquela vida.⁶⁵

A partir da narrativa do pastor, é possível perceber que ele julga as práticas de benzeções como sendo rituais de feitiçaria, justificando que ambas possuem características em comum. Justificam ainda, o fato das pessoas continuarem procurando as benzedadeiras, por terem se tornado escravas dessa prática.

As pessoas acabam ficando em baixo de maldição, ela vai recorrer a esse método sempre, sem conhecer o verdadeiro Deus, que tem o poder pra sanar qualquer problema. É uma coisa viciosa, vira um ciclo vicioso, tanto que, quando eu falo de mim, meu avô fazia quando ele estava pra morrer ele passou pra mim, e se eu não tivesse encontrado com a palavra de Deus, que me ensinou que Deus não aprovava essas minhas atitudes, eu teria passado pros meus filhos, estaria passando pros meus filhos hoje. Se torna um ciclo vicioso.⁶⁶

Para os cristãos evangélicos, as pessoas que praticam a benzedura ao se converterem ao evangelho pregados por eles, conhecerão a verdadeira palavra de Deus e abandonaram essas práticas. E reconhecerão que a cura se dá unicamente pela fé em Deus e que ervas e objetos não contribuiriam para a cura. Como ressalta o pastor A.G.L.

Quer dizer você não encontra Jesus usando ervas, usando credices, ele disse em meu nome expulsaram demônios, eu os dou poder e autoridade, em meu nome expulsaram demônios, falaram novas línguas, a pessoa recebe pela fé o milagre. Mateus capítulo 10 Jesus disse: eu vos dei autoridade, curem os enfermos, expulsem os demônios, repreendam as enfermidades dos leprosos, ressuscitem os mortos, eu vos dei o poder, de graça recebam, vocês receberam, vocês também não vão vender, vocês vão dar de graça. Então a pessoa recebe a graça, a cura. Sua fé em Deus é o suficiente, não precisa de amuleto.⁶⁷

Nesse sentido, a oração se destaca como um dos principais recursos utilizados pelos líderes religiosos, em todas as situações da vida, para atender a alguma necessidade diante da dor e sofrimento. O imaginário depreciativo formado em torno do candomblé, da umbanda e

⁶⁵ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

⁶⁶ Entrevista realizada com Dona Maria Borges em 12 de setembro de 2016

⁶⁷ Entrevista realizada com o senhor A.G.L. em 12 de setembro de 2016

as imagens estereotipadas sobre as religiões de matrizes africanas, faz com que muitas pessoas tanto as que praticam a benzedura, quanto as que recorrem a essa prática, neguem qualquer relação com a cultura afro-brasileira.

Para os evangélicos, em especial os da Assembleia de Deus, aquele que deseja uma vida de felicidade e salvação, deve servir ao evangelho. Entretanto, ser crente passa ser uma vantagem que também impõe sacrifícios, como a manutenção de uma conduta “correta”.

Existe um criador que nos ama, nos criou e nos ensina, nos orienta a se arrepender dos nossos erros, porque somos pecadores e tomamos uma decisão. É possível? É, de servi, temer a Deus, amar ao próximo, fazer o bem, mas só fazer o bem não ganha a salvação, mas é preciso o homem tomar uma decisão de adorar a Deus e largar o pecado, deixar os erros, os vício e tomar uma vida casta de temer a Deus e também serviço de adoração constante. Porque no céu nós vamos adorar e aqui é apenas um treinamento, um ensaio quem não quer adorar a Deus, acha que é muito chato, culto direto, e não quer esse lugar não, então vai sofrer e ficar no fogo eterno. No céu, a Bíblia diz que tem muitas coisas reservadas para aqueles que amam a Deus e que nunca ninguém o ouviu, o ouvido nunca escutou, coisas gloriosas que o pai celestial reservou para aqueles que o amam e temem.⁶⁸

Nota-se, que a pregação evangélica é baseada na normatização do comportamento do fiel, onde a conversão implica em mudanças comportamentais. Sobre essa mudança após a conversão, Prandi diz:

Religião muda expectativas, modela comportamentos, altera desejos e frustrações. E também ensina como se relacionar com o mundo. O crente Pentecostal sente-se com certeza fortalecido para enfrentar as dificuldades da vida diária (...) (PRANDI, 1996, p.11).

A oração está ligada à fé, à certeza no restabelecimento da saúde, na cura da doença e no alívio da dor. Os líderes religiosos instigam nas pessoas a oração cheia de fé, de disposição para mudança no comportamento mental, para o otimismo, o progresso e a recuperação. Assim, ser evangélico é muito mais do que passar a ter fé em algo em que antes não se acreditava, é necessário aderir a um sistema simbólico, à valores, mudança de comportamento, de estilo de vida e visão de mundo.

Diante do que foi narrado pelos entrevistados, nota-se que a religião, de um modo geral, exerce importante influência na vida das pessoas. No contexto de saúde e doença essa relação pode se estreitar, uma vez que a pessoa exercita sua fé com mais intensidade, na busca de alívio e cura.

O atendimento às pessoas que os procuram ocorre de maneira diferenciada entre os seguimentos religiosos, seguindo os princípios doutrinários de cada um. A maioria das pessoas são também encaminhadas para tratamento e acompanhamento junto a profissionais de saúde. Em suma, as práticas religiosas têm complementado as práticas médicas oficiais,

⁶⁸ Entrevista realizada com o senhor A.G.L em 12 de setembro de 2016

sendo que, os coiteenses, em seu contexto de saúde e doença fazem uso de todos os recursos e saberes disponíveis na busca de alívio e cura de doenças.

Concluiu-se entre outros aspectos, que a fé da pessoa em situação de sofrimento, influência de maneira importante no seu processo de recuperação e cura, bem como na manutenção da saúde.

UMA PAUSA PARA REFLETIR

Diante das entrevistas e levantamento bibliográfico realizado, pode-se notar que todas as entrevistadas afirmam que as práticas de benzimento contribuem de forma positiva no tratamento de enfermidades. Também foi possível detectar que há uma forte relação de cura com a fé, seja por parte da benzedeira ou por parte do cliente.

Vale ressaltar que por meio dos dados coletados nos questionários feitos com as benzedadeiras, existem alguns malefícios onde os benzimentos não podem intervir, neste caso aconselha-se o acompanhamento médico para a realização do devido tratamento da patologia.

Durante a pesquisa, as entrevistas foram realizadas apenas com benzedadeiras, devido ao fato de que a benzedura, é um ofício exercido na grande maioria por mulheres. Isso é verificado não apenas no Distrito de Salgadália, mas em todas as regiões do Brasil presente nos trabalhos e livros que tive acesso.

A legitimação e conseqüentemente a sobrevivência desse ofício em Salgadália está intrinsecamente ligada às ações direta dessas, bem como a forte religiosidade presente nos seus pacientes. O que se pode notar diante de tais práticas é que mesmo com todo o avanço da medicina, a benzedura ainda está presente nesta localidade. Entretanto, percebemos (por meio das entrevistas) que o ofício não está sendo transmitido com a mesma frequência de antigamente.

Vale lembrar que, esse trabalho não visa supervalorizar a medicina popular, dentro do qual se inclui a benzeção, apenas buscou-se compreender a trajetória de vida das rezadeiras e o modo como os moradores de Serrote e Sagadália compreendem essa prática.

No percorrer do estudo sobre as práticas curativas em Salgadália no período de 1990 a 2014, procurei descortinar as artes de curar existentes nesta localidade e mostrar quem são os sujeitos que exercem esse ofício. Diante disso, investiguei através de relatos das praticantes desse ofício, através de uma pesquisa qualitativa, baseando-se em um questionário simples, onde as mesmas puderam relatar suas experiências como agentes de cura.

Longe de ser uma conclusão absoluta, esse trabalho encerra algumas considerações feitas ao final da pesquisa. No entanto a consolidação e o aprofundamento de conhecimentos no que diz respeito, a saúde doenças e cura, são importantes para um maior entendimento. Sendo assim, abre espaços para outras discussões, ressaltando a necessidade de estudos com essas temáticas.

LISTA DE FONTES

Tabela 01: Fontes Orais

Entrevistados	Função	Data	Duração
Dona Izabel dos Santos	Benzedeira	03 de novembro de 2014 11 de agosto de 2016	20 min; 13 min;
Dona Anália Pereira Gomes	Benzedeira	09 de novembro de 2014 07 de agosto de 2016	11 min; 11 min;
Dona Maria Gomes Pinheiro	Benzedeira	09 de novembro de 2014 07 de agosto de 2016	11 min; 22 min;
Dona Elenita Santos de Jesus	Benzedeira	19 de abril de 2015 07 de agosto de 2016	25 min; 11 min;
Dona Aldeny de Oliveira Gomes	Benzedeira	24 de agosto de 2015 07 de agosto de 2016	18 min; 10 min;
Evódio Edson Pereira de Oliveira	Pedreiro	03 de dezembro de 2014	11 min;
Dona Maria José Capistrano Gomes	Lavradora	24 de agosto de 2015	5 min;
A.G.L	Pastor	12 de setembro de 2016	39 min;
Maria Borges Pereira Ramos	Missionária	12 de setembro de 2016	10 min;
Jackson de Araújo Almeida	Estudante	13 de setembro de 2016	10 min;

Fontes escritas

Conceição do Coité (BA). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 20 p. 180-185. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_20.pdf. Acesso em: 13 de outubro de 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL. A história do Serrote. S/E. Conceição do Coité, 2013.

REFERÊNCIAS:

- AMORIM, Cleides. *Medicina Popular: técnica ou crença*. Comissão maranhense de folclore. São Luiz: Boletim: 18, p. 6-7, Dezembro, 2000.
- BITTENCOURT, Melina de Oliveira. *Santo e devotos: história de vida e devoção*, em Santo Antônio de Jesus-BA. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A medicina teológica e as benzeduras: suas raízes na história e sua persistência no folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958.
- CAMURÇA, Ayres. *Entre Sincretismo e “guerras santas”*: dinâmicas e linhas de força do campo religioso brasileiro. Revista USP, São Paulo, n.81, p.173-185, março/maio 2009.
- Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____(org.). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- CONCONE, Maria Helena V. B.; e REZENDE, Eliane Garcia. *Espiritismo e Religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.
- CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. *O Santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita: Práticas religiosas e culturais nas benzeções*. Curitiba. Editora Prismas, 2015.
- CRUZ, Salete Aparecida. *As benzedadeiras e a representação da mulher*. In: XIX Encontro Regional de História, 2008. São Paulo: Edusp, 2008. v.1.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo- Ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991, Introdução e Cap. I “A Impureza Ritual” (p. 13-91).
- FARINHA, Allyne Chaveiro. “*A mulher na ética religiosa*”. In. Caminhos: Revista do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Goiânia: UCG, nº 2, 2009.
- FREITAS, Daiane da Silva. *A construção da identidade dos assembleianos*. Monografia (Graduação), Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2010.
- LEITE, Daniella Araújo Teixeira; ARCHANJO, Léa Rezende. *A benzeção como prática terapêutica*. In: Revista do Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde, v. 01, nº 03. Curitiba, Universidade positivo, 2008. (p. 15-18).
- LÉVI-STRAUSS, Claude. “*O feiticeiro e sua magia*”. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

- LOYOLA, Andréa Maria. *Médicos e curandeiros*. Conflito social e saúde. São Paulo: DIFEL, 1984.
- MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos & guias: deuses o demônios?* Rio de Janeiro: Universal, 2004.
- MANOEL, Ivan aparecido (Org.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: UNESP, 2012, p. 271-290.
- _____. *Religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis: origens históricas e afirmação social*, 2001. Revista Esboços, v. 17, Nº 23, pp. 79-106 — UFSC.
- MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. *História oral como fonte: problemas e métodos*. História: revista de história da Universidade Federal do Rio Grande, v. 2, p. 95-108, 2011.
- MEIHY, J.C.S.B. *Manual de História Oral*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- MORAES, M.E.A.; SANTANA, G.S.M. *Aroeirado-sertão: um candidato promissor para o tratamento de úlceras gástricas*. Funcap, v. 3, p. 5-6, 2001.
- NERY, Vanda Cunha. *Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom. Disponível em: <http://intercom.org.br>.
- NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; TRISTÃO, B. D. *O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil*. Élisé, Ver. Geo. UEG – Goiânia, v. 1, n.2, p. 167-181, jul./ dez. 2012.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- PIRES, Josivaldo. *Adeptos da mandinga: candomblés, curandeiros e repressão policial na Princesa do Sertão (Feira de Santana-BA, 1938-1970)*. 2010. 215 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.
- PRANDI, Reginaldo. *Religião paga, conversão e serviço*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, 1996.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- SAMPAIO, Maria Izabel da Silva. *Representação do Processo Saúde-Doença entre os Pentecostais da Assembleia de Deus em Feira de Santana*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) -Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, 2003.
- SANTANA, Charles D’Almeida. *Fatura e Ventura Camponesas: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Denilson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas*. Santo Antônio de Jesus, Recôncavo sul-Ba (1940-1980). (Dissertação) Mestrado em História Social- Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2005.

SANTOS, Francimário Vito dos. *O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta*. 1971. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SILVA, Vanusa Gonçalves. *O poder dos saberes populares: experiências das práticas de cura no Maracujá (1992-2012)*. (Monografia). Conceição do Coité: UNEB, 2013.

SOUZA, Edimária Lima Oliveira. *Vestígios no Tempo: Escravidão e Liberdade em Conceição do Coité (1869-1888)*. Monografia (Graduação), Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2012.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAMONTE, Cristiana. *Ciência ou fé? Religiões afro-brasileiras e práticas de saúde popular*. In: ISAIA, Artur Cesar. MANOEL, Ivan aparecido (Org.). *Espiritismo e religiões afro-brasileiras*. São Paulo: UNESP, 2012, p. 271-290.